

Revista Transdisciplinar

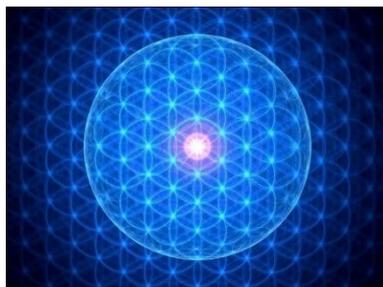
Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org



2016
Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

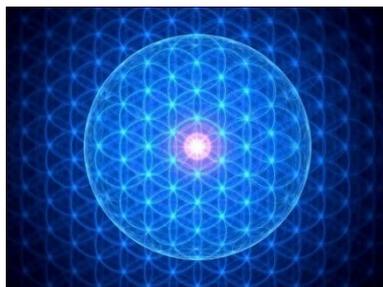
E no texto Educação para o Séc. XXI, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

EQUIPE EDITORIAL

Criação, editoração e coordenação geral

Maria Celeste Carneiro dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT SEA2 030 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólton). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora (2007 a 2016) e Supervisora no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA. Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro dos Grupos de Pesquisas EFICAZ, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e Conselheira da União Brasileira das Associações de Arteterapia – UBAAT. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>

EQUIPE DE EDITORAÇÃO

Dulciene Anjos de Andrade e Silva – Doutora em Educação (Universidade Federal da Bahia – UFBA). Mestre em Educação (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas com Inglês (UFBA). Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus II. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8015189418594078>.

Priscila Peixinho Fiorindo – Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Vice-coordenadora e docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Vanessa Di Cássia Fragosso – Arteterapeuta Junguiana – ASBART 0132/0215 – Terapeuta Holística EET: 0004-BA. Mestranda em Tecnologias Educacionais e Tecnologias em Saúde (Universidade Estadual da Bahia - UNEB). Arteterapeuta Junguiana. Terapeuta Holística. Pedagoga com Orientação Educacional e Vocacional - Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Práticas Lúdicas: Escolar e Organizacional - Licenciada com Certificações Internacionais para Resiliência de Jovens e Adultos e Gerenciamento de Stress. Pesquisadora sobre Resiliência e Habilidades Socioemocionais. Docência na Graduação e Pós-Graduação na área de Ciências da Saúde e Ciências Humanas e Coordenação de núcleos socioeducativos. Participa como Membro e Pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade – GPEL – Universidade Federal da Bahia – UFBA e como Coord. Pedagógica do PROAP – Programas de Estudos Aplicados em Administração e Políticas na Faculdade de Economia e Administração – FEA/UFBA. Dirige o Projeto Ateliê. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0735288007250867>

CONSELHO EDITORIAL

Gildenor Carneiro dos Santos – Pós-Doutor em Educação (Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – FAGED-UFBA). Doutor em Educação (Universidade de São Paulo - USP). Mestre em Educação (FAGED-UFBA). Graduado em Matemática e em Arquitetura (USP). Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI. Currículo Lattes disponível: <http://lattes.cnpq.br/0814023926904547>

Francesca Freitas – Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSM em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSM, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSM, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi – Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Coordenadora do curso de Arteterapia Censupeg. Presidente fundadora da *Oscip Arte Sem Barreiras*. Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora dos livros da Vetor Editora: *Revisitando a Ética com Múltiplos Olhares*; *Arteterapeuta: um cuidador da psique*; *Pensando a*

Arteterapia com arte, ciência e religião. Organizadora da coleção *Anima Mundi*, livros de Arteterapia, da Vetor Editora. Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Autora dos livros: *Arte Terapia e Loucura*, Vetor Editora; *Origami em Educação e Arteterapia*, em parceria com Luiza Minuzzo, Ed. Paulinas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira – Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumoriais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Vitor Moura Cardoso e Silva Souza – Doutor em Geofísica Espacial (2015) pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Bacharel em Física pela Universidade Federal da Bahia (2010), e Trabalhou como pesquisador assistente na NASA/Goddard Space Flight Center, EUA, por um ano durante o período de doutoramento. Atua na linha de pesquisa Magnetosfera-Heliosfera, focando nos seguintes temas: estudo da reconexão magnética na magnetopausa terrestre utilizando observações *in situ* e simulações numéricas, cinturões de radiação Van Allen e fenômenos físicos associados à plasmas espaciais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8026732855379621>

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimentos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos – Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Ingrid Estefania Mancia de Gutiérrez – Doutora e Mestre em Biotecnologia com ênfase em Recursos Naturais da Região Nordeste pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduação em Farmácia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Gestão da Inovação Tecnológica pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é membro da Comissão de Fitoterapia (COMFITO) do Conselho Regional de Farmácia (CRF) da Bahia e docente do Curso de Farmácia do Departamento de Saúde da UEFS, lecionando a disciplina Farmacognosia. Coordenadora do Programa Terapias não-Convencionais (TnC) e Você: um projeto de ensino e extensão em terapias complementares e integrativas da UEFS. Tem experiência na área de Farmacognosia e Prospecção Tecnológica, com ênfase no marco regulatório em Fitoterápicos, atuando principalmente nos seguintes temas: regulamentação de fitoterápicos, controle de qualidade de matéria-prima vegetal, técnicas cromatográficas, cultivo *in vitro* de lenhosas medicinais, patentes, práticas integrativas e complementares em saúde. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5002607120452691>

Dulce Magalhães – Filósofa, Educadora, Pesquisadora, Escritora e Palestrante. Ph.D. em Filosofia com foco em Planejamento de Carreira pela Universidade Columbia (USA), Mestre em Comunicação Empresarial pela Universidade de Londres (Inglaterra). Pós-graduada em Marketing pela ESPM-SP. Especialização em Educação de Adultos pelas Universidades de Roma (Itália) e Oxford (Inglaterra), Representante Brasileira no Seminário de Cultura e Comunicação da Unesco – USA. É uma das 100 lideranças da Paz no Mundo, de acordo com a Genève for Peace Foundation. Recebeu o título de Embaixadora da Paz pelo programa Mil Milênios de Paz no Senado Argentino. Integra o comitê de 80 lideranças da Paz, coordenado pelo ex-presidente americano Bill Clinton para elaboração de um Programa Global de Cultura de Paz. É colunista da Revista Amanhã desde 1997, do Jornal Correio do Povo desde 2011 e várias outras revistas, jornais e sites, com mais de 900 artigos publicados. Voluntária e Tecelã da UNIPAZ – Universidade Internacional da Paz – Rede Internacional para uma

Cultura de Paz onde é também docente. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2056188729297093>

Lucielen Porfírio – Professora Doutora em Linguística – UFBA, DLG - Departamento de Letras Germânicas – UFBA. Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA – programa DINTER – UFBA/ UNIOESTE (2013). Mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2006). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2000) e também graduação em Letras pela Universidade Pan Americana (2009). Atualmente atua como professora Adjunto 1 na Universidade Federal da Bahia - Departamento de Letras Germânicas. Desenvolve projetos de pesquisa na área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, formação de professores e Inglês como Língua Franca. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4716299Y1>

Glícia Conceição Manso Paganotto – Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

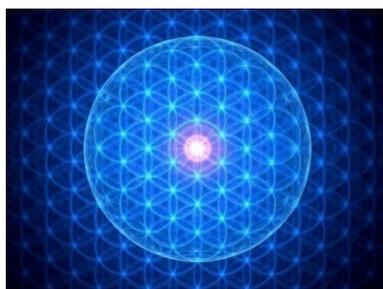
Román Gonzalvo – Psicólogo transpessoal e doutor em psicología pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicología Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves – Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros: *Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas*; *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar*; *Transtornos Mentais sob um Novo Prisma*. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira – Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso Brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora em cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. ivanapsicopedagogia@gmail.com www.interacaopsicopedagogia.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada nos meses de Janeiro e de Julho de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

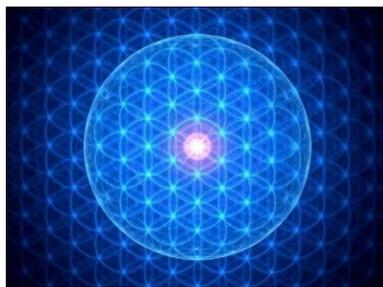
Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

CONTATO

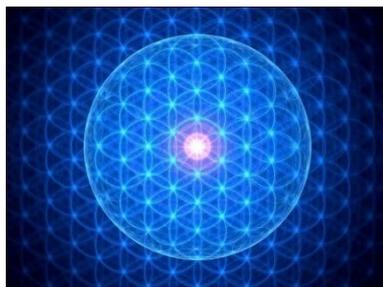
Endereço postal da Revista

Celeste Carneiro
 CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
 Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil



CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
 Telefones: 71 - 3497-1306 / 98874-1155 (Tim)
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

EDIÇÃO ATUAL

Revista Transdisciplinar

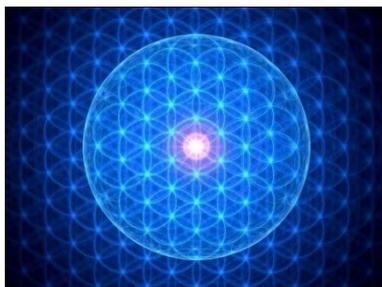
Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|---|-------|
| 1 – MANDALAS | |
| Pedro Teixeira da Mota | p. 9 |
| 2 – AUTOCONHECIMENTO NA ECONOMIA CONTEMPORÂNEA | |
| Waldemar Magaldi Filho | p. 14 |
| 3 – A TRANSDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS DE PAZ | |
| Marcos Alan S. V. Ferreira | p. 18 |
| 4 – CONVITE: X WORLD PEACE FORUM, DO II YOUTH PEACE FORUM
E DO IV FESTPAZ | |
| Dulce Magalhães | p. 20 |
| 5 – EPILEPSIA E ARTE: A GENIALIDADE ASSOCIADA AO ESTIGMA
SOB UMA VISÃO DA NEUROCIÊNCIA APLICADA À EDUCAÇÃO | |
| Hellen Rose de Sousa Lima e Ibrahim Georges Cecyn Moussa | p. 23 |
| 6 – ARTETERAPIA E O 12º CONGRESSO BRASILEIRO DE
ARTETERAPIA | |
| Celeste Carneiro | p. 30 |
| 7 – COMO SURFAR NA NOVA ONDA? | |
| Fábio Novo | p. 34 |
| 8 – SÃO JOÃO E O RESGATE DO FEMININO SAGRADO | |
| Vera Saldanha | p. 37 |
| 9 – INSTRUMENTALIZANDO PROFESSORES PARA O DESENVOLVIMENTO
ACADÊMICO DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E
HIPERATIVIDADE –TDAH | |
| Ivana Braga de Freitas | p. 47 |
| 10 – SE (IF) | |
| Rudyard Kipling (Tradução de Guilherme de Almeida) | p. 51 |

Capa: *Flor da Vida*. Autoria: Turgay Bulut. Artista residente em Antália, na Turquia
Contato: chiefturgay62@hotmail.com



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

1 – MANDALAS

Pedro Teixeira da Mota*

Mandala, da raiz *manda*, significa círculo, redondo, disco, orbe, em sânscrito, uma das línguas primordiais dos Indo-Europeus desenvolvida sobretudo no que é hoje a Índia, e tornou-se uma forma de arte sagrada que se expandiu para outros povos, tais como o Tibete e o Japão, ficando a ser conhecida neste, por exemplo, como *mandara*, sendo utilizada em práticas esotéricas ou mais contemplativas dos seus movimentos espirituais religiosos..

A palavra, do género masculino, provém de um tema verbal traduzível pelos sentidos de adornar, decorar, alegrar-se, glorificar ou clarificar. E com estes verbos poderemos compreender mais facilmente o que são e para que servem os mandalas: ornamentações, desenhos, feitos na base de círculos, com o seu centro, ponto primordial e um eixo ou mais eixos centralizantes, frequentemente combinados com quadrados e triângulos, e a que se podem associar sons e palavras, e que ao serem desenhados e contemplados tanto são meios de nos interiorizar, convergir, centralizar e clarificar, sobretudo nas nossas estruturas, actividades e capacidade psíquicas e suas ligações espirituais, como também de embelezar, influenciar, harmonizar, ou mesmo alegrar e iluminar o ambiente e o universo, pois vivemos e respiramos o nosso ser numa infinita matriz-rede-mandala de

energia e informação, de seres e consciências.

Os mandalas mais conhecidos são os do Hinduísmo (onde se destaca o Sri Yantra, designação esta correspondente a diagrama, isto é, um mandala menos circular), do Budismo, do Shintoísmo, do Islão e do Cristianismo. Encontramo-los tanto em desenhos e pinturas como na estrutura dos templos, construídos de acordo com as orientações, formas e proporções de uma Tradição Perene de Geometria e Numerologia Sagrada, e servem não só para edificar, ornar ou decorar mas para se criarem pontos, espaços e momentos de partilha ou transmissão de imagens e ensinamentos que podem intensificar e iluminar a psique e a autoconsciência e religarem-nos melhor ao Cosmo e à Divindade, ao serem mais demoradamente contemplados e meditados.

Ou seja, diante de um mandala vamos tentar acolher e sentir as mensagens transmitidas pelas intenções profundas dos criadores e dos artistas, a ressonância vibratória das formas tradicionais geométricas e coloridas, a invocação dos mestres e deidades representados, seres realizados e representativos de certas qualidades ou estados conscienciais (aos quais aspiramos ou que são considerados fundamentais ou eficazes na purificação,

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, "*Da Alma ao Espírito*", Publicações Maitreya. Contato: peommota@hotmail.com e viva.erasmo@gmail.com

desenvolvimento, iluminação e harmonização humana), tudo de modo a que o mais possível do nosso ser possa assimilá-los, deixando-os penetrar bem nos nossos sentidos e ressoar ou imprimir-se nos neurónios cerebrais, harmonizando os hemisférios, as emotivas memórias e as vibrações e agitações tanto das sinapses como da subtil substância psíquica.

Um dos significados de mandala (da raiz-*manda*) é também o de essência, e então dir-se-á que um dos objectivos dos mandalas é levar-nos, através dos desenhos e imagens, para além dos estados dispersos emocionais mentais e assim entrarmos em estados de consciência mais pacificados, concentrados ou alargados, ou nas dimensões mais subtis ou essenciais do nosso ser, do universo, do Espírito, da Divindade...

Os mandalas podem conter ou não letras, sons e palavras, e surgem sobretudo com os *mantras* mais famosos ou poderosos, ou os nomes de Deus e dos grandes seres, ou ainda, mais esotericamente, com as letras dos sons associados aos *chakras* ou centros de força subtis dos nossos corpos invisíveis, já que o alfabeto e os sons são veículos poderosos para a emissão-irradiação energética e logo para a alteração das vibrações e dos estados de consciência, numa sacralização, a qual significa purificação e dissipação de ilusões, falsas identificações, medos e conseqüente harmonização e elevação, plenificação e libertação da Consciência do Eu espiritual, sempre em peregrinação e aperfeiçoamento ou partilha.

Alguns mestres orientais consideram os mandalas, pelo seu impacto visual e directo, isto é, sem mediação de palavras, como uma das melhores formas de transmissão dos ensinamentos espirituais, nomeadamente ao contribuírem para a compreensão libertadora, a unificação, a chamada "iluminação". Dirão mesmo que qualquer mandala representa, simboliza e proporciona um tipo de iluminação nossa em relação ao Um Onnipresente, o unificador e harmonizador de tudo e de nós todos. De facto, qualquer mandala, como muita da pintura sagrada ou espiritual, proporciona uma estabilização mental e o desabrochar duma consciência pura, que pode ser chamada visão do hemisfério direito, não-dual, búdica, logóica, crística, a qual foi facilitada ou impulsionada ao contemplar-se a mandala, podendo

desabrochar numa intuição da Unidade divina ou do Absoluto omnipresente...

Encontramos em todos os povos esta arte sagrada: em certos casos terá começado a ser desenhada no chão ou na areia, ora como labirintos ora como quaternários, triângulos e círculos, e mais tarde com ou sobre pedras e paredes, papiros, tecidos e papel, ou mesmo erguida com paus ou com pedras, como vemos ainda hoje em alguns alinhamentos megalíticos ou templos primitivos.

Poderá ter nascido de sonhos ou de visões interiores, nos quais as estruturas e os significados do universo, exterior ou interior, se revelaram, tornando-se depois métodos de apaziguamento, centralização psíquica, invocação divina, ou ainda mapas para indicarem os caminhos para a realização, para o centro harmonizador, clarificador, libertador. Ou poderá ter sido transmitida e aperfeiçoada por mestres, que assim viram no olho espiritual...

No Egipto vêmo-la não só na estrutura dos templos e na escrita hieroglífica como sobretudo nas múmias e nas pinturas que nelas se faziam, na madeira, nos tecidos e em pequenos objectos, tais como fórmulas e amuletos protectores, que depois emigraram ou foram transmitidos, de formas subtis ou desapercibidas, para as religiões seguintes...

No Cristianismo encontramos-a em inúmeras formas, e em especial no uso da cruz, pintada, construída ou tecida, a qual invoca e evoca, além da morte redentora do mestre Jesus, o encontro central dos quatro elementos e quatro direcções do espaço, o Divino, o Amor irradiante e triunfador, o Espírito quintessencial.

Mas também aparecem em outras formas, seja nos profundos e bem teorizados ícones da Igreja Ortodoxa, seja na arte Românica, tal como os Cristos em glória dentro da amêndoa mística (a mandorla, e que resulta da fusão de dois círculos na proporção do número de ouro), em geral flanqueados pelos quatro evangelistas e seus símbolos. Ou ainda medievalmente, copiando-se a tradição greco-romana da harmonia das esferas celestiais, quando se desenhavam os vários círculos ou orbes planetários até se chegar ao mundo cristalino e Divino. A *Divina Comédia* de Dante está construída sobre esta ascensão pelos céus e níveis conscienciais e maravilhosas pinturas foram

criadas ao longo dos tempos inspirada em tal tradição, com a visão final da rosa amorosa da Divindade, no Paraíso, como a mais mandálica de todas.

Mais em contacto com o corpo, encontramos os paramentos utilizados pelos sacerdotes, seja nas vestes, altares, instrumentos e adereços, com os seus símbolos e mandalas, quer mesmo os que os fiéis bordavam nos seus lenços e roupas ou estilizavam em jóias e amuletos, tais como as filigranas do Norte de Portugal e da Galiza, em que predomina tanto o coração, e em que um veio céltico se entroncara. Aliás, sabemos pela descrição de Estrabão que os Lusitanos dançavam em círculo nos momentos da Lua Cheia e de certas celebrações, danças sagradas estas que são frequentemente mandalas dinâmicas.

No Islão, como não se valorizaram as representações antropomórficas do Divino, vemos muitos mandalas não só geométricos, em azulejos, abóbadas e nichos de oração, mas sobretudo com todos ou alguns dos 99 Nomes de Deus traçados em finas caligrafias nas mesquitas, casas e livros. As práticas esotéricas ou iniciáticas associam frequentemente a repetição dos nomes de Deus e a contemplação deles como métodos de acesso aos mundos e a estados subtis e espirituais. E vemos ainda a geometria sagrada e os princípios mandálicos presentes nos inúmeros amuletos e desenhos simbólicos, identificativos, protectivos e embelezadores de que as pessoas se revestem ou se rodeiam, entre os quais se destaca *Hamsa*, a mão aberta de Fátima (filha do Profeta, mulher de Ali), a face Divina feminina primordial, o tipo da Terra Celeste e lúcida, dos místicos Persas e Shiaa.

No Budismo encontramos os mandalas, muito desenvolvidos na linha himalaica e tibetana do *Vajrayana*, especialmente nas pinturas ou *than-kas* (mas também feitos na impermanente areia colorida), com as quatro portas ou direcções, por onde se entra e se assimilam meditativamente as qualidades de cada um desses níveis ou estados, para se chegar à cessação da ignorância egoísta e separativa e ao estado iluminado de contacto com Aquilo ou Aquele de que pouco se pode mencionar, por transcender a discursividade mental e a dualidade, a não ser por *Nirvana*, e por *Asamkhata*, o Incondicionado. No Japão, como dissémos de início,

desenvolveram-se bastante os *mandara* na mesma linha de prática contemplativa sobre círculos, e tanto no Budismo como no Shintoísmo, e sobretudo no sincretismo dos dois que o Shingon realizou. E, finalmente, devemos referir que muitos dos povos índios das Américas e algumas tribos Africanas e da Austrália também possuem uma tradição mandálica muito significativa...

Mas também a encontramos nas rosas-dos-ventos desenhadas e utilizadas pelos Portugueses nos Descobrimientos, traçadas e descritas, por exemplo, pelo navegador e humanista D. João de Castro e que eram também formas de sacralizar os ventos, as rotas, a orientação. Ou nos símbolos escolhidos para as ordens religiosas. Ou, muito antes, nos mapas astrológicos, desde os tempos da Babilónia e de Roma e chegando até aos nossos dias, com os doze meses, os doze signos, centralizados pelos quatro elementos e pelas quatro estações, onde brilha centralmente o Sol, símbolo também do espírito em nós e do Logos Solar no sistema solar, e da Divindade...

No fundo, todo o universo é um grande mandala, ao qual os Gregos chamaram um *Kosmos*, ou seja, um todo ordenado e ornamentado, através de números, proporções, ritmos, leis, fórmulas e formas geométricas paradigmáticas ou arquétipas (dos quais os cinco sólidos platónicos são os mais essenciais), que estão por detrás da cristalização dos minerais, no desabrochar das flores, nos padrões do ADN humano e animal, e que a ciência, com a sua tecnologia cada vez mais apurada ou infinitesimal, vai revelando no universo ou macrocosmos, maravilhosamente no caso dos hologramas e fractais, ou então no pequeno universo ou microcosmos, o ser humano, indo até às partículas e aos neurotransmissores, sem contudo conseguir chegar aos níveis mais subtis e elevados que exigem o despertar dos sentidos espirituais da pessoa em si mesma e que tantos místicos contemplaram nos mundos subtis com o seu 3º olho ou mesmo ouviram como a *Música das Esferas*, bem referenciada por Pitágoras, Boécio e outros.

Todavia a Ciência experimental e laboratorial vai confirmando muitos dados da Tradição Perene e desvendando as harmonias de ondas e das partículas, ao que deveríamos estar mais conhecedores, atentos, assimiladores e implementadores de

tais descobertas nas nossas cosmovisões e práticas espirituais e nos nossos adornos e casas, actos e hábitos, percepções e intenções, deste modo aumentando a consciência de quão somos e vivemos em proporções do número de ouro e em ritmos e interações maravilhosas.

No século XX, o psicólogo Carl Gustav Jung, através da observação dos sonhos e das visões dos pacientes e de si próprio (dos quais nasceram belos desenhos mandálicos e ainda o famoso *Livro Vermelho*), confirmou a existência e o funcionamento de mandalas no inconsciente humano e como eles podiam tanto mostrar ou revelar o que se passava no mundo psíquico como também ser instrumentos de estruturação, cura e individuação, ao serem desenhados, contemplados e compreendidos mais profundamente.

Outro estudioso do século XX foi o orientalista Giuseppe Tuci, um italiano que lhes dedicou a sua vida, em especial aprofundando os do Tibete. Mais recentemente o japonês Massaro Emoto revelou, no livro *As mensagens da Água*, como esta é afectada nas suas cristalizações mais ou menos mandálicas não só pela pureza das suas fontes como pelos nossos próprios pensamentos e sentimentos, de acordo com o axioma da Física moderna que o observador influencia o observado.

Assim, certamente, ao fazer, tecer, cozer, desenhar ou escolher o seu próprio mandala, cada pessoa está a participar num acto cósmico e sagrado, pelo qual se fazem confluir num objecto energias ou as bençãos dos seres que se invocam e que potencializam as energias que nós temos e que eles contém, deste modo purificando-nos, recriando-nos e centrando-nos através do que representamos e invocamos...

Pode ser num simples desenho com vários círculos concêntricos, com quatro entradas ou portas, conforme as quatro direcções do espaço e convergindo para o centro ou ponto-partícula ínfima mas tão importante, e que é também o nosso ser essencial a ser invocado e que se pode manifestar, permitindo o divino mais brilhar.

Mas também podem ser realizados com outras formas, e não só em desenhos de tinta ou areia, mas com pedras e cristais, conchas e seixos, sementes, flores e frutos, pessoas...

As cores utilizadas serão também importantes nos efeitos dos mandalas. Mencionaremos muito abreviadamente que o vermelho ou o laranja podem tornar os mandalas mais activos, o azul expansivos para o infinito ou a paz, e o verde salutíferos, ainda que certamente as cores sejam acolhidas psiquicamente de modos muito subjectivos e bem influenciados pelas tradições pessoais e locais.

Poderemos dizer que na utilização ou contemplação de um mandala espelha-se e entra para dentro de nós próprios a harmonia de certas formas, energias, qualidades ou seres do Cosmos, suscitando estados de Consciência elevados e de mais abertura à Presença Divina. Ao contemplarmos demorada-mente os nossos mandalas, as formas geométricas e coloridas preferidas, recebemos mais ensinamentos e forças harmonizadoras para as conexões dos neurónios e da memória, para a aura e o corpo espiritual, e ainda para o corpo Místico da Humanidade, o *Dharmakaya* dos Budistas, a *Anima Mundi* da Antiguidade greco-romana.

Corpo espiritual que é em si próprio um mandala oval ou circular, com os seus centros de forças, que são orbes energéticas, denominados rodas – *chakras* –, ou flores de lótus – *padma* –, na tradição Indiana, onde se destacam o centro do coração, o olho espiritual ou 3º olho, e o centro do cimo da cabeça, o lótus das mil pétalas, bem desabrochados e desenvolvidos nos seres mais iluminados ou perfeitos, tais como a Luz da Glória (*xvarnah*) da tradição Iraniana, o *augoeides* da tradição Greco-Romana, o Buddha Gautama com a sua grande aura, o Cristo Jesus no seu corpo glorioso ou nos sagrados corações de Jesus e Maria, e Mohamed e Ali, com as faces brilhantes mas veladas, no Islão. E que cada um de nós deve ir alcançando ao contemplá-los e ao reflectir ou irradiar mais transparente e plenamente a luz e o amor, a coragem e a compaixão ou, mais essencialmente, o Espírito, e assim aproximar-se da Presença Divina.

Podemos então com as formas e morfismos mandálicos que mais gostamos, cultivamos ou com que nos rodeamos, preservar e desenvolver não só os sentidos estéticos, culturais e espirituais, como também o harmonizador e terapêutico para os outros, para nós e para o Cosmos, dadas

as ressonâncias geomórficas e psicomórficas que circulam e unem tudo no Universo a uma velocidade igual, senão mesmo superior à da luz.

Saibamos então tanto pelo desenho, a construção, o uso consciente e a contemplação das formas geométricas sagradas, tão dinamicamente vibratórias, como pela vida criativa, justa, alegre e

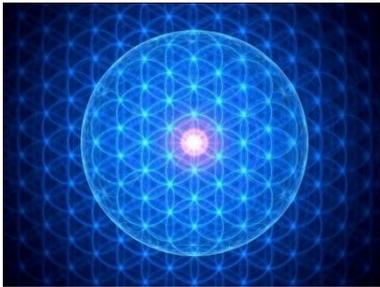
espiritual, tornarmo-nos cada vez mais um pequeno mandala, um círculo ornamentado luminoso em harmonia com o grande Mandala do Cosmos e da Divindade.

(Artigo baseado no capítulo “Dos Mandalas”, do livro *Da Alma ao Espírito*, Portugal: Publicações Maitreya, 2015, revisto e ampliado pelo autor para esta publicação).

Mandala islâmica, com os nomes de Deus



Fonte: foto fornecida pelo autor



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – AUTOCONHECIMENTO NA ECONOMIA CONTEMPORÂNEA

Waldemar Magaldi Filho*

Na maioria das análises históricas e antropológicas realizadas fica evidente a capacidade adaptativa, criativa e transformadora da espécie humana principalmente nas situações de crise, onde a superação acaba produzindo evolução. Esta capacidade, por um lado, possibilitou esse momento científico e tecnológico inimaginável a menos de cinquenta anos atrás, e acabou contribuindo para a monetarização da vida, da saúde e da dádiva. Por outro lado, está nos levando para uma nova crise com repercussão ecológica, social, cultural, física, psíquica e espiritual, manifestada na forma de sintomas, ambientais, comportamentais, relacionais, psicossomáticos, psiquiátricos e religiosos. Por isso tantas catástrofes, fanatismos, dependências, abusos, compulsões, consumo exagerado de remédios, divórcios, solidão, desigualdades, exclusão, entre outras patologias.

Além disso, quando o indivíduo ou um grupo perde a clareza do seu trajeto ou da sua conexão astral, o risco do trágico ou do desastre pode assustar e assombrar muito – (tragédia é relativo à falta de uma trajetória clara; desastre à perda com a conexão astral – *desastro*).

Minha experiência com a tradição alquímica, que é uma das bases da psicologia junguiana, me permite saber que a opus (o trabalho) consiste num contínuo processo de solver e coagular,

transformando a prima matéria (o chumbo ou a pedra bruta) em ouro (a pedra filosofal). Porém, também sei que esse caminho não é reto, exigindo etapas calcinantes, putrefactas e destilantes, até que o indivíduo ou o grupo atinja estágios evolutivos mais elevados. Sendo naturais, neste caminho evolutivo de envolvimento e desenvolvimentos (sair dos envoltórios), as uniões e separações, estão sempre permeadas com crises e muitos medos.

Então, minha sugestão é a de sempre deixarmos claro os objetivos que estão motivando nossa existência e conseqüente união ou filiação a determinadas crenças, motivações e ações. Principalmente porque toda evolução tem na origem uma crise que tem o objetivo trazer o novo e também fazer com que o indivíduo, ou o grupo, mude o seu olhar, podendo deixar de ficar focado apenas no mundo exterior, em busca de adaptação narcísica. Porque, quem não consegue quebrar o fascínio pelo espelho da imagem que quer ou aprendeu a representar, jamais poderá ouvir o seu chamado! E isso vale tanto para o indivíduo, quanto para o grupo.

Como todo ser humano é criativo, complexo, único e deseja sentir-se e ser percebido diferente dos demais seres, inclusive dos próprios seres humanos. Por isso, a única coisa igual no ser humano é o seu desejo de ser diferente. E, para se manter diferente, acaba buscando conhecimentos e coisas únicas, customizando sua

* **WALDEMAR MAGALDI FILHO** – Psicólogo, especialista em Psicologia Junguiana, Psicossomática e Homeopatia. Mestre e doutor em Ciências da Religião. Autor do livro: "Dinheiro, Saúde e Sagrado", coordenador dos cursos de especialização em Psicologia Junguiana, Psicossomática, DAC - Dependências, abusos e compulsões, Arteterapia e Expressões Criativas e Formação Transdisciplinar em Educação e Saúde Espiritual do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa - IJEP, em parceria com a Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo – FACIS. www.waldemarmagaldi.com - wmagaldi@gmail.com

vida e abusando de moda, cosmética e até de interferências corporais, como plásticas, cicatrizes, tatuagens, *piercings*, entre outros adornos ou atitudes. Infelizmente, o desejo de ser diferente acabou fomentando a desigualdade, pela confusão de uma coisa com a outra, alimentando simultaneamente o processo de exclusão social, a competição e a ciranda do consumo. Como consequência, atualmente, o ser humano acabou perdendo a capacidade de lazer e prazer independente do consumo.

Para mim, é impossível conhecer o mundo contemporâneo sem compreendermos como ele funciona economicamente. Para Adam Smith (1723-1790), filósofo e economista do "iluminismo escocês", pai do conhecimento econômico moderno e teórico do liberalismo econômico, o homem é um agente moral, que possui um observador interno, como uma testemunha que lhe garante a ética implícita, igual a um imperativo categórico. Porém, com o neoliberalismo esse agente "regulador", que agia como um censor, ou o superego freudiano, ficou inoperante e acabou precipitando na imoralidade do funcionamento do sistema contemporâneo, onde as diferenças se tornam desigualdades e a corrupção e competições desleais e predatórias seguem valorizadas. Parece que a humanidade se esqueceu que o sistema financeiro e, conseqüentemente, o mercado nasceram para servir a economia real, que deveria ser a resultante da energia psíquica e vital da humanidade.

Com isso, o sistema financeiro acabou se apropriando da economia real, onde a única regra moral é o maior lucro possível, no menor tempo possível, para que os funcionários possam obter o maior bônus possível que, por sua vez, será imediatamente aplicado em papéis do Tesouro americano. Assim, a eficiência ocupou o lugar da criatividade e da ética, a testemunha interior ficou anulada pelo automatismo das leis do mercado e a eficácia foi deixada de lado pelas atitudes reativas e imediatas – sem a proatividade cooperativa e mediadora que geram evolução sólida.

Como o dinheiro é apenas uma energia que pode ser direcionada para qualquer foco, facilmente poderá ser usado para reverter essa situação crítica e alarmante que está se afigurando para o nosso futuro. Porém, para que isso aconteça, é necessário que uma quantidade significativa de pessoas passe

por uma mudança de paradigmas, libertando-se das duas rodas viciosas e assimétricas que mantêm a engrenagem do atual capitalismo utilitarista em movimento. A roda maior é representada pela maioria das pessoas, mantendo-se vivas num contínuo circular entre consumo, dívidas e trabalho, ficando enredadas e, conseqüentemente, alienadas nesta teia. A roda menor, por sua vez, é representada por um pequeno número de pessoas, que vem diminuindo gradativamente, igualmente aprisionadas no *continuum* circular entre poder, lucro e acúmulo. Sendo que, no eixo desta engrenagem está a tentativa iludida da negação do medo e da angústia, temáticas inerentes e imanentes em todos os seres humanos.

Por causa da angústia somos invadidos pelos temores da solidão, do receio da morte, do medo da liberdade e da falta de sentido existencial.

Para quem ainda não conquistou o autoconhecimento, esses medos produzem reações defensivas caracterizadas pela contínua obrigação de se sentir pertencente, necessário, importante, produtivo, rico, saudável, acumulando posses e muitos deleites. Essas "obrigações", por sua vez, são responsáveis por uma infinita quantidade de dependências, abusos e compulsões. Entre elas os desejos de poder, de acúmulo, de consumo, associados à busca de prazer imediato, que acabam dando um alívio transitório à angústia, apesar de alienar e manter as pessoas mais aprisionadas às rodas viciosas fazendo as pessoas irem ao *Shopping* comprarem o que não precisam, com dinheiro que ainda não possuem, para impressionar quem não conhecem, com a intenção de serem ou de parecerem com o que não são. Porque, na atual cultura polifóbica vivemos o tempo todo estimulados para o consumo. Estar consumindo é quase sinônimo de estar pertencente ao contexto social. Além disso, estar devendo é um bom mecanismo de alienação, ou seja, de fazer com que as pessoas entrem numa roda produtiva e de consumo do desnecessário sem pensarem no sentido e no significado da vida. Com isso, temporariamente elas ficam livres da presença consciente da angústia existencial, infelizmente ou felizmente, até que um sintoma físico e ou psíquico apareça.

Todo indivíduo que conseguir sair das rodas, além de transgredir o sistema, poderá

repensar o sentido e o significado da sua existência, enfrentando o medo, aliviando sua angústia existencial, diminuindo seu consumo, reaproveitando e reciclando tudo o que for possível. Atividades absolutamente necessárias para que o futuro da humanidade seja viável, apesar de deixar todas as atuais estruturas capitalistas absolutamente assustadas, pois todo planejamento delas está calcado no crescimento continuado. De qualquer modo, com ou sem sofrimento, acredito que a civilização irá encontrar um novo modelo que redistribuirá a riqueza de forma igual e incluyente, restaurando tanto a cura quanto a sacralização e o encantamento do mundo. Ressaltando que cura é sinônimo de integridade e de consistência, ou seja, entusiasmo, sentido e significado existencial. Infelizmente, a grande massa humana está em estado de anestesia, inconsciente de si mesma e presa nas engrenagens alienantes do sistema capitalista de consumo utilitarista. Essas são as razões de tanta apatia e solidão.

Não é fácil sair da "*matrix*", pois o autoconhecimento não é um caminho livre, leve e fácil. Ele exige dedicação, esforço, consciência, consistência e diligência. Para a maioria silenciosa das pessoas acaba sendo mais fácil ficarem na inconsciência apática de si mesmas, contentando-se ocasionalmente com alguns momentos de alegria ou de ilusão, que possibilitam a sensação de estarem vivas.

Por isso nossa cultura tem tanta necessidade de atividades produtoras de adrenalina, presentes nas situações de dependências, abusos e compulsões. Manifestadas no consumo patológico, nos transtornos alimentares, nas farmacodependências, drogadicções e alcoolismo, nas atividades perigosas e aventureiras, como saltar de *bang-jump*, nos jogos de azar e em todos os excessos que vão desde o trabalho até o sexo. Essas são as razões de tanto uso de antidepressivos e outras medicações psiquiátricas para ajudar as pessoas a se concentrarem, dormirem, serem menos impulsivas e mais confiantes.

Então, para as pessoas que ainda não foram acometidas por algum tipo de sintoma: físico, emocional, psíquico, familiar, profissional, social ou espiritual, e não têm consciência do seu estado de dormência apática e de aprisionamento em uma das

duas rodas, resta-nos apenas aguardar. Pois o chamado, mais cedo ou mais tarde acaba surgindo e, a meu ver, a maior missão de quem já conseguiu um pouco do autoconhecimento é o de promover e divulgar esse caminho para as demais pessoas. Enquanto isso, elas continuarão consumindo, inclusive os livros de autoajuda.

Creio que, para revertermos essa situação, a primeira coisa a se fazer é o caminho da interioridade, acompanhado das reflexões existenciais em busca de sentido e de significado para a vida. Esse caminho não é tão fácil assim, ele requer perseverança, diligência, silêncio e quietude. As pessoas, por estarem acostumadas com a tagarelice dos negócios cotidianos, ficam muito incomodadas com esse caminho do autoconhecimento, pejorativamente chamando-o de ócio. E, por isso mesmo, negam-no veementemente transformando a própria vida em um contínuo negócio – negação do ócio. A consequência disso é o aumento do medo, da insegurança e da "roda" viciosa do acúmulo, da dívida ou do ganho. Mesmo tendo o conhecimento de que a criatividade está no ócio, muitas pessoas acabam fugindo da descoberta desse potencial imanente fanatizando-se em religiões ou rituais, caminho tão alienante quanto o dos cientistas que ficam obtusos e iludidos no poder das especializações.

Por isso, muitas pessoas não conseguem reverter a "roda", apesar de comprarem bacias de livros de autoajuda que, na maioria das vezes, ajudam apenas a seus editores e autores, porque o caminho do autoconhecimento, apesar de solitário, geralmente requer a ajuda de um mestre. Então, quem busca o autoconhecimento precisa da ajuda de pessoas sábias, que já conquistaram esse autoconhecimento. E quem é esse sábio mestre? Geralmente é aquela pessoa que, apesar das dificuldades inerentes à vida, demonstra felicidade, entusiasmo e prazer em servir ao próximo com seus talentos. Pode ser um guia espiritual, um analista, ou alguma pessoa em que podemos estabelecer uma relação empática, sincera e de confiança, para questionarmos o sentido e o significado da nossa existência, na busca de servir nossos talentos aos próximos e ao mundo, saindo da "roda" viciosa para a virtuosa.

Neste sentido, acredito que a educação deveria estar muito mais voltada para o

autoconhecimento, possibilitando a reflexão de que estar adaptado em um contexto doente não é saudável. Desta forma, infelizmente, muitos jovens acabam manifestando sintomas ou distúrbios de atenção, dependências, abusos, compulsões ou hiperatividades, muitas vezes por não conseguirem ficar ajustados em nosso contexto social patológico, competitivo e individualista.

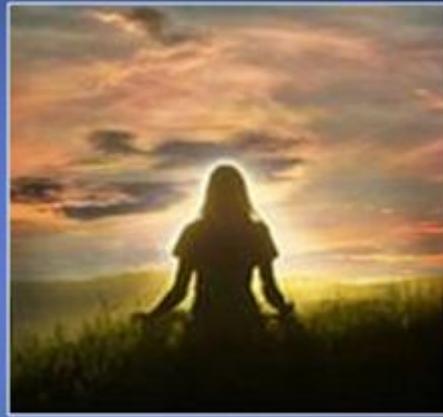
É importante deixar claro que a realização do mais alto fim existencial não é tão fácil de ser reconhecida e, mesmo quando a pessoa encontra seu sentido vocacional de servidão, na maioria das vezes o meio não é muito favorável. Ou seja, equivale a um caminho

iniciático que sempre vai exigir do adepto o equivalente à jornada do herói. Lembrando que o herói é aquele que, na maioria das vezes, sacrifica-se para atender a demanda da maioria, imbuído da assepsia literal do sacro-ofício.

Também é expressivo elucidarmos que ninguém transforma ninguém, mas que ninguém se transforma sozinho e é nesse sentido que se faz necessário um encontro amoroso de transformação. Porque o amor verdadeiro, por não querer transformar os outros transforma, por dar liberdade e alegria, condições criativas para que as demandas evolutivas de cada indivíduo possam acontecer.

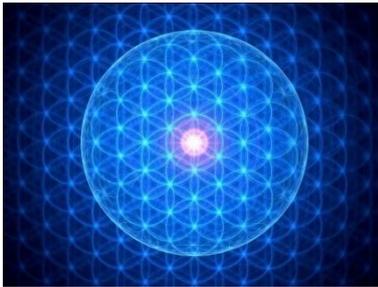


A Bela Adormecida



... e a Bela Desperta

Celeste Carneiro



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

3 – A TRANSDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS DE PAZ *

Marcos Alan S. V. Ferreira**

Na página que inicia a introdução de uma de suas principais obras, *Peace by Peaceful Means*, o norueguês Johan Galtung afirma que “o investigador para a paz deve buscar por causas, condições e contextos em vários espaços”. Ainda, complementa que “este espectro transdisciplinar faz dos Estudos de Paz ao mesmo tempo desafiador, difícil intelectualmente e problemático na práxis. Por outro lado, um foco mais estreito é condenado por antecipação” (GALTUNG, 1996).

Lidar com este desafio levantado por Galtung passa por entender, antes de tudo, o que é um espectro transdisciplinar. Conforme consolidado na literatura de ciências humanas, o prefixo ‘trans’ se difere do ‘multi’ e ‘inter’ disciplinar.

Primeiramente, o conceito de multidisciplinar nos leva para além de nossa disciplina em busca de respostas para a mesma em outras áreas do conhecimento. Por exemplo, é o economista que vê a necessidade de adentrar em um aspecto da ciência política para explicar, digamos, os subsídios que um país dá a um dado setor da economia dentro de determinadas condições. Na prática, ele adentra em outra disciplina, adequadamente busca explicações em outras áreas do conhecimento, mas mantém sua investigação dentro dos pressupostos da economia.

Segundo, o conceito de interdisciplinar preconiza a interação entre duas disciplinas ou mais. É o debate que fica *entre* duas áreas do conhecimento. A ideia de interdisciplinaridade não só busca

explicações causais em outras áreas para uma temática em específico, mas vai além para unir duas heurísticas distintas para explicar problemas que aquela heurística, por si só, não consegue compreender. Por exemplo, pensando ainda na política, podemos imaginar a análise de política externa. Sozinho, nem o arcabouço teórico das Relações Internacionais, nem o da Ciência Política, conseguiriam explicar a tomada de decisões domésticas voltadas ao plano externo. Logo, de maneira interdisciplinar, surge essa nova área do conhecimento que se consolida desde meados do século XX.

Por fim, temos a transdisciplinaridade – onde reside os Estudos de Paz do ponto de vista galtungiano. O transdisciplinar pensa através, entre e além das disciplinas. Indo de lado a lado desde as ciências naturais, humanas e exatas, pensar determinado problema sob um viés transdisciplinar exige sobrepassar uma simples conexão entre duas ou mais áreas. Exige conectar distintas áreas do conhecimento para explicar um fenômeno complexo, multidimensional e de diálogo com distintas áreas do conhecimento. Como citado por McGregor, “o objetivo da transdisciplinaridade é compreender o mundo presente, em todas as suas complexidades, em vez de focar em uma parte dele” (MCGREGOR, 2004).

Ao compreender a paz sob um viés transdisciplinar, pode-se conceber que tal abordagem não é meramente um preciosismo epistemológico. Ao contrário, seria uma necessidade epistemológica. E

*Texto originalmente publicado no Blog da Rede de Pesquisa em Paz, Conflitos e Estudos Críticos de Segurança (PCECS) <http://pcecs.blogspot.com.br/> Publicado aqui com autorização do autor.

****Marcos Alan S. V. Ferreira** – Professor no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Contato: marcosalan@gmail.com / marcosferreira@ccsa.ufpb.br

explicaria essa asserção remetendo novamente a Galtung. Na mesma obra *Peace by Peaceful Means*, ele afirma que “Estudos de Paz é o estudo das condições do trabalho pela paz”, sendo paz, por sua vez, “a ausência/redução da violência de todos os tipos”.

Ora, o próprio fenômeno das condições do trabalho para a paz não encontram explicação em um único campo do conhecimento. Pesquisar sobre a conflitividade de determinado país em guerra civil ou da violência urbana em outro, exige adentrar nos meandros de questões que envolvem economia, sociedade, religião, dentre outros. Exige conectar essas áreas, buscar explicações alternativas e ir além do que suas disciplinas sozinhas apresentam.

Este é um desafio hercúleo nada simples, pois fugir dele ou negligenciá-lo é relegar o objeto da pesquisa em si: o problema da paz e da violência – que por si sós são transdisciplinares. Explicar condições de violência, ou mesmo exemplos de sucesso em redução daquela rumo a uma paz positiva, não é possível com explicações monocausais e nem com o arcabouço teórico de uma única área.

O fato de ser difícil intelectualmente pensar de maneira transdisciplinar não deveria gerar no pesquisador um impasse que o faça pensar em explicações monocausais. Pelo contrário, exige uma postura diferenciada daqueles interessados em estabelecer análises críticas e normativas. Enumeraria três posturas necessárias no sentido de estimular essa reflexão.

Primeiro, exige do investigador para a paz uma humildade intelectual. Humildade em saber que sua área de formação não é capaz de explicar todos os fenômenos sociais que envolvem paz e violência. Humildade em saber que sua área foi criada dentro de um contexto de fragmentação científica que se remete ao Iluminismo, quando antes estava dentro de um arcabouço único chamado ciência.

Segundo, e ligado a essa última afirmação, entender que a ciência não é um evento, mas um processo. Explicar cientificamente o fenômeno da paz e violência é compreender também o que dissera o eminente filósofo persa Abdu'l-Bahá em sua obra “Promulgação da Paz Universal” ao afirmar que “nada é

permanente, nada é final; tudo está em contínua mudança porque a razão humana avança em novos rumos de pesquisa e a cada dia chega a novas conclusões. No futuro, muito daquilo que hoje é aclamado e aceito como verdadeiro, será rejeitado e desaprovado. E assim continuará *ad infinitum*” (ABDU'L-BAHÁ, 2010). Isso não torna a ciência relativa. Assim como a mecânica não invalida a física quântica, as compreensões atuais da violência servirão de base para a construção de caminhos à paz positiva no futuro.

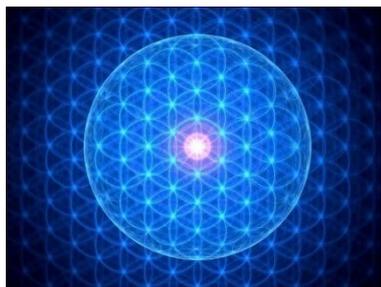
Por fim, uma última postura seria a busca em aprender com distintas áreas do conhecimento. Postura de aprendizagem envolve essa humildade acima referida, assim como a compreensão da ciência como processo. É ter em mente que mais do que reconhecer a limitação de minha área, eu preciso adentrar em conceitos, prerrogativas e teorias de outras áreas que podem ajudar a explicar o assunto que quero abordar. É deixar de lado concepções binárias de quantitativo/qualitativo, moderno/pós-moderno, clássico/contemporâneo para se abrir a novos diálogos, *insights* e perspectivas em busca do objetivo último de compreender a paz como ausência/redução da violência de todos os tipos.

Certamente, essa reflexão não se limita a esse breve texto. Deixo aqui o convite para que pensemos como podemos adensar – quiçá até aumentar – essa lista de posturas em prol da transdisciplinaridade. Mover nesse caminho para pensar a paz não só é importante, como necessário.

REFERÊNCIAS:

- ABDU'L-BAHÁ. *Promulgação da Paz Universal*. Mogi Mirim: Ed. Bahá'í do Brasil, 2010.
- GALTUNG, Johan. *Peace by Peaceful Means*. SAGE: Londres, 1996.
- MCGREGOR, Sue. 'The Nature of Transdisciplinary Research and Practice', *Working Paper HS-KON*, 2004. Disponível em: <http://www.kappaomicronnu.com/hswp/archive/transdiscipl.pdf>. Acesso em: 27 Nov. 2015.

(Editoria Mundorama. "A transdisciplinaridade nos Estudos de Paz, por Marcos Alan S. V. Ferreira". *Mundorama - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais*. Acessado em 30/03/2016. Disponível em: <http://www.mundorama.net/2016/03/30/a-transdisciplinaridade-nos-estudos-de-paz-por-marcos-alan-s-v-ferreira/>).



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

4 – CONVITE: X WORLD PEACE FORUM, DO II YOUTH PEACE FORUM E DO IV FESTPAZ

De 22 a 25 de Setembro de 2016, em Florianópolis - SC

Dulce Magalhães*

Olá Pescadores de Luz:

É uma honra e um privilégio participar desta construção coletiva que é o X World Peace Forum, do II Youth Peace Forum e do IV FestPaz.

O WPF é uma plataforma de encontro de agentes de paz, pessoas que acreditam nas possibilidades de outra forma de convivência e sociedade e que, mais que tudo, estão trabalhando para que essa realidade sonhada seja realidade vivida. É a própria Utopia Realizável, fazer acontecer o que queremos ver no mundo.

Receberemos entre os dias 22 e 25 de setembro de 2016, em Florianópolis, delegações de 60 países. Este é o maior e mais importante encontro de Cultura de Paz do planeta.

Contar com sua adesão, entusiasmo, voluntariado, partilha e participação é uma alegria extra. Desde já agradeço a generosidade em compartilhar o fórum com sua rede.

Sinta-se muito bem-vind@ ao templo do encontro, onde tudo pode acontecer, inclusive nossos sonhos mais preciosos.

Lembre-se que somos todos filhos do universo e a maior descoberta do Século XXI será a constatação de uma humanidade única, compartilhando da mesma jornada que é a existência breve que recebemos para florescer nossa alma e cultivar nossos talentos.

WE BELIEVE!

Abraços fraternos e até breve.

Dulce Magalhães
Presidente
X World Peace Forum

* **Dulce Magalhães** - Filósofa, Educadora, Pesquisadora. Ph.D em Filosofia pela Columbia University. Tecelã da Rede UNIPAZ. Eleita uma das 100 lideranças da paz no mundo pela Gêneve for Peace Foundation; Recebeu o título de Embaixadora da Paz pelo programa Mil Milênios de Paz no Senado Argentino. Integra o comitê de 80 lideranças da Paz, coordenado pelo ex-presidente americano Bill Clinton para elaboração de um Programa Global de Cultura de Paz. <http://www.dulcemagalhaes.com.br/>
www.clicrbs.com.br/sacerdotisa

Notícias sobre os preparativos para este Fórum, fornecidas em Maio/16:

1. Fechamos parceria com o movimento de jovens Empresas Juniores e teremos um contingente de 4.000 jovens trabalhando pela divulgação do fórum, além da presença de mais de 1.000 jovens de 23 países participando do fórum em Floripaz.

2. Também tecemos uma linda parceria com o Instituto Paz & Mente, que promove a pós-graduação de cultura de paz e transformação de conflitos da UNESCO no Brasil. é uma rede de 8.000 *peacemakers* em território brasileiro...

3. Outra boa notícia é que a Secretaria Municipal de Educação fará um convite a todas as secretarias de educação dos 5.400 municípios brasileiros para promover projetos de paz e enviarem representantes para o fórum para apresentar trabalhos e vivenciar cultura de paz.

4. A Secretaria de Paz e Meio Ambiente de Campinas será a anfitriã de um encontro com as secretarias de Paz existentes no Brasil durante o fórum.

5. Também o Rotaract - o movimento de jovens do *Rotary* está assumindo a coordenação brasileira do *Youth Peace Forum* para fazer um belíssimo encontro de jovens no fórum.

6. Recebemos a inscrição de 456 *peacemakers* da Argentina que virão para o fórum.

7. Em março recebemos a confirmação, através do arcebispo de Buenos Aires, de um vídeo com uma mensagem exclusiva do Papa Francisco para o *World Peace Forum*, com isso a Igreja Ortodoxa também se manifestou para termos uma mensagem exclusiva do patriarca Bartholomeu de Constantinopla. Enviei um pedido a Kathy Jones, Gran Sacerdotisa de Avalon, para enviar mensagem em nome da Deusa.

8. Temos a confirmação do Rabino Berger, ministro do meio ambiente da Argentina, do Rabino de Munich, que já é membro do conselho do fórum desde sua fundação e eles articularam um convite ao Rabino de Jerusalém, que aceitou o convite - só não

virá se algum episódio conflituoso estiver ocorrendo em Israel em setembro - oremos para que tudo flua na paz. Também temos a confirmação do Imã da Turquia com uma delegação de 15 pessoas, teremos também sacerdotisas da Deusa, Hare Krishnas, Brahma Kumaris, budistas, o Arcebispo de Florianópolis e a comunidade católica, umbandistas, candomblé, hinduístas, muçulmanos, judeus, cristãos das mais diversas igrejas, enfim há uma lista maravilhosa de pessoas dedicadas ao sagrado - teremos um corredor de bênçãos no primeiro dia do fórum 22.09, por onde todos passaremos.

9. Já temos mais de 200 voluntários cadastrados - precisamos de 300 - todos são muito bem-vindos e estamos felizes e ressoando gratidão por esse coração amoroso de todos.

10. Já temos a parceria da ABIH, BPW, Rotary, Lyons, Palavras de Paz, ACI, CDL, AEMFLO, FIESC, *Convention Bureau*, Governo do Estado de Santa Catarina, Prefeitura Municipal de Florianópolis, Governo Federal, e mais uma centena de entidades.

11. A rede de Transpessoal, tão irmanada e em sintonia, é uma parceira do WPF.

Temos também alguns links de vídeos de divulgação: <https://vimeo.com/141097260>

<https://www.youtube.com/watch?v=-Q3by3OeRwU>

https://www.youtube.com/watch?v=xDbzjqdcx5A&feature=em-upload_owner

Estamos produzindo mensagens em vídeo em três idiomas - você pode gravar a sua respondendo a pergunta: O que é Paz para você? e nos enviar... Ficaremos felizes em divulgar na Grande Rede de Paz.

Para fazer sua inscrição (e também doações para facilitar a participação de outras pessoas), visite o site www.worldpeaceforum.org. A partir da inscrição você recebe um formulário para inscrever trabalhos, vivências, testemunhos

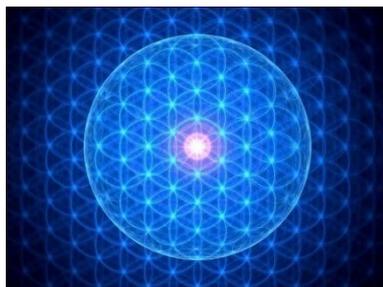
ou ser voluntário para servir nas diversas atividades necessárias.

O valor da inscrição contempla, além de toda a infraestrutura e material, nove refeições para uma sinergia e integração - vamos comungar o pão na mesa comum da vida.

Beijos amorosos e abraços afetuosos a todos,

Dulce Magalhães

"Que a Chama da Paz ilumine, aqueça e habite o coração de toda a humanidade."



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

5 – EPILEPSIA E ARTE: A GENIALIDADE ASSOCIADA AO ESTIGMA SOB UMA VISÃO DA NEUROCIÊNCIA APLICADA À EDUCAÇÃO

Hellen Rose de Sousa Lima¹
Ibrahim Georges Cecyn Moussa²

RESUMO

Objetiva-se lançar novo prisma sobre o processo de aprendizado dos portadores de epilepsia, fomentando a inclusão por meio da exploração do potencial criativo como ferramenta de estímulo de sua capacidade cognitiva e autoestima. Pretende-se afastar o estigma dos portadores da doença, historicamente marginalizados pela sociedade, por meio do destaque que grandes personalidades possuíam epilepsia, o que não os impediu de exercerem relevante papel no campo artístico, científico, literário e político. Investiga-se a biografia de algumas dessas personalidades a fim de demonstrar a potencialidade criativa e cognitiva dos portadores de epilepsia o que nos leva a repensar a prática educativa no contexto da aprendizagem desses indivíduos. Busca-se embasamento na área da neuroeducação, explorando o desenvolvimento das possibilidades plásticas nos cérebros de indivíduos portadores da doença. Propõe-se uma abordagem que contemple a utilização da expressão artística sob o viés de um aprendizado mais eficaz e de inclusão do ensino com as crianças que possuem essa síndrome. Nesse enfoque, considera-se que o contato com as Artes aplicada à Educação é promissor tanto na construção da autoestima quanto no processo educativo.

Palavras Chave: Epilepsia, Criatividade, Neurociência, Educação, Artes.

¹ Especializanda no curso de Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva na CENSUPEG. Psicóloga, Artista Plástica, Arteterapeuta e Arte educadora. Professora substituta no departamento de Artes Visuais na Universidade Federal do Maranhão. hellenroselima@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0043537452157105> site: www.recriartesz.com.br - facebook: /recriartesz - instagram: @recriartesz

² Orientador. Professor de Neurofisiologia da Aprendizagem e Neurociências pelo CENSUPEG (Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação); Mestre em Ciências da Psiquiatria pela UFPR. E-mail: ibramoussa2000@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Falar de epilepsia é um grande desafio, em virtude de ser um quadro neurológico cujos estudos, embora intensos em todo o mundo e em todas as áreas, apresentam inúmeras conclusões distintas, em razão da enorme variabilidade de suas manifestações e origens, que pode ser atribuída tanto às vias idiopáticas (genéticas), como a “traumatismos, distúrbios metabólicos e nutricionais, doenças infecciosas, perinatais, vasculares, fatores tóxicos ou doenças degenerativas” (RODRIGUES, *Psique Ciência e Vida*, ANO IX, n 117).

Não obstante, é possível trilhar novos caminhos a partir dos processos do desenvolvimento do indivíduo, destacadamente aqueles que envolvam as proposições de neuroplasticidade no âmbito da Neurociência, aplicada à Educação.

A partir disso, se propõe que através do contato com as Artes nas suas múltiplas expressões (musical, escrita, plástica, corporal), o indivíduo acometido por essa doença encontre um instrumento facilitador tanto na construção de sua autoestima como no seu processo de aprendizagem em um contexto de desenvolvimento global.

O enfoque parte da investigação da vida de grandes personalidades da História, que sofreram crises epilépticas em determinado momento de suas trajetórias, o que se infere a partir de indícios encontrados em registros de diários, cartas, obras e relatos de familiares e amigos, que podem comprovar tais fatos, mesmo não havendo, na maioria dos casos, registros oficiais na época.

Propõe-se evidenciar através dessa pesquisa que, apesar do sofrimento e da confusão mental advindos deste quadro, é possível que através da inserção do estímulo das expressões artísticas na vida dos portadores de epilepsia, sejam propiciadas condições catárticas que podem ser vivenciadas por esses indivíduos, apesar dos quadros de baixa autoestima e ocorrência de limitações, cujo quadro é agravado pela falta de conhecimento de muitos cuidadores para lidar com os episódios de pós-convulsão, com o enfrentamento e mesmo com a aceitação da doença.

Para isso, propõe-se no campo da Neuroeducação, a exploração do hemisfério direito das crianças acometidas pela epilepsia como proposta eficaz para a sua

inclusão no contexto escolar. Nesse enfoque, considera-se que o contato com as Artes aplicada à Educação pode ser promissor tanto na construção da autoestima como no processo educativo e de desenvolvimento global desses indivíduos.

2. O ESTIGMA DA DOENÇA: UM BREVE HISTÓRICO DA EPILEPSIA

Segundo Rodrigues (2015) a palavra epilepsia, em sua origem, significa a condição de tornar-se dominado ou atacado, em estado de surpresa. Talvez por isso, inicialmente, eram atribuídos à doença significados religiosos e supersticiosos. Aponta-se que os gregos acreditavam que o sofrimento dos portadores de epilepsia decorria do fato de que tais pessoas se comunicavam com os deuses, motivo pelo qual a epilepsia era conhecida como “doença sagrada”.

Tal concepção foi rechaçada por Hipócrates, o pai da Medicina, na sua obra “*Sobre a doença sagrada*”, escrita por volta de 400 a.C. Nesse livro, Hipócrates propôs que a epilepsia não advinha dos deuses, mas sim de um problema no cérebro, razão pela qual recomendava um tratamento por meio de dieta e medicamentos.

Contudo, tal descoberta não foi acolhida no início, prevalecendo, durante toda a Idade Média, a percepção de que a epilepsia era uma doença induzida por demônios, sendo, inclusive, em 1494 publicado o livro “*Malleus Maleficarium*”, em que se difundiu a idéia de que a epilepsia era uma maneira de identificar as bruxas, o que provocou a morte de milhares de mulheres. Além disso, acreditava-se que a epilepsia era uma doença contagiosa, o que culminou com a criação de prisões e hospitais para trancafiar as pessoas acometidas por essa enfermidade.

Desta forma, a epilepsia permaneceu um estigma até que a ciência moderna confirmasse as afirmações iniciais do pai da medicina. Um importante expoente nos estudos acerca da epilepsia foi o médico John Huglings Jackson (1835-1911) que dedicou quarenta e quatro anos de sua vida trabalhando no *National Hospital for Therelief and cure of the paralysed Epileptics* e descobriu, através da autopsia de cérebros de pacientes epilépticos, que todos tinham

em comum a presença de cicatrizes no cérebro.

Essa descoberta foi sucedida pelo trabalho de outros pesquisadores que demonstraram que os sinais do cérebro pareciam ser elétricos, o que conduziu a constatação de que a epilepsia decorria do excesso de eletricidade no cérebro causada pela multiplicidade e simultaneidade de sinapses, suplantando de vez a concepção arraigada de “doença demoníaca” atribuída à epilepsia.

3. GRANDES GÊNIOS DA HISTÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A EPILEPSIA

Apesar do estigma da doença, grandes personalidades da História padeciam de crises epilépticas e, mesmo assim, deixaram contribuições inestimáveis tanto no campo político, como no âmbito artístico, literário, musical, filosófico e científico.

Amadeu (2012) lista como exemplos os estadistas Alexandre Magno, Júlio César, Napoleão Bonaparte e Lenine, os escritores Lord Byron, Gustave Flaubert, Guy Maupassant e Fiódor Dostoievsky, os cientistas Hermann Helmholtz, Alfred Nobel, Newton e Albert Einstein, o filósofo Sócrates, os músicos Berlioz e Niccoló Paganini e o pintor Van Gogh. Nessa mesma linha, Rodrigues (2015) acrescenta ainda outros nomes: Leonardo da Vinci, Machado de Assis, Agatha Christie, D. Pedro I, Aristóteles, Isaac Newton e Buda.

A abordagem da relação entre criatividade e epilepsia parte desse apanhado histórico baseado em evidências de grandes personalidades, *que, mesmo vítimas de crises epilépticas, tiveram exímio destaque no que tange à sua capacidade criadora associado às relações fisiológicas que acontecem no cérebro de tais indivíduos.*

Pelos limites estreitos desse artigo científico propõe-se analisar o histórico de apenas duas dessas personalidades, sendo aqui eleitos o pintor impressionista Vincent Van Gogh e o escritor Fiódor Dostoievsky.

3.1 Van Gogh

Vincent Van Gogh, hoje conhecido como um dos maiores pintores impressionistas, nasceu em 1853 em Groot Zundert, na Holanda. No artigo “A epilepsia retratada ao longo da história”, a autora Yacubian (2000),

ao analisar o histórico familiar de Van Gogh, expõe que ele recebeu o mesmo nome do irmão primogênito que lhe precedeu e que havia falecido após os seis meses de idade, no provável intuito de seus pais de substituí-lo, o que provocou profundo abalo em sua autoestima.

A autora registra que Van Gogh teve mais cinco irmãos: Anne, Théo, Elizabeth, Wilhelmina e Cornelius, dos quais vários apresentaram doenças mentais. Theo, sofria de depressão e ansiedade, Wilhelmina era esquizofrênica e Cornelius cometeu suicídio. Além disso, expõe que a mãe dele era intolerante e o pai era muito austero e mal-humorado, características herdadas por Vicent.

Van Gogh propôs um estilo peculiar de pintura, que rompia com os limites da arte tradicional de sua época a qual primava pelo formalismo e por temas religiosos e retratos. Suas obras foram marcadas por pinceladas marcantes e com texturas ovaladas que representavam movimento e por suas cores vibrantes, com tonalidades e traços que possuíam influência do Impressionismo.

Apesar de seus enormes esforços para ser notado e compreendido pela sua genialidade e maneira inovadora de pintar, Van Gogh não foi compreendido pela sociedade de seu tempo, o que lhe causou um sofrimento psíquico intenso e acabou levando-o ao suicídio aos 37 anos de idade, deixando como legado à humanidade uma obra única e acima de tudo de extrema auto expressividade emocional.

No artigo *Van Gogh e Epilepsia*, de Susan Greenfield encontramos uma teoria que apresenta proposições semelhantes àquela que estamos tentando vincular, qual seja, **criatividade e epilepsia**. Ainda nesse artigo, existe um apanhado de informações que convergem para explicar, de maneira fisiológica, as alterações de percepção e modos de ver o mundo, que foram explicitados por meio da Arte, suscitando questões importantes para compreendermos seu funcionamento, tais como: *É possível que sua doença cerebral, tenha de alguma maneira, alterado essa parte da percepção artística? É possível que as convulsões físicas de seu cérebro tenham possibilitado a abertura para novas portas onde sua percepção foi alterada de tal maneira que o transformou no grande artista que se tornou?*

Em um fragmento do texto apresentado por Susan Greenfield que reputo importante para essa compreensão, ela propõe que a epilepsia levou Van Gogh a ter problemas mentais incapacitantes, mas ao mesmo tempo, pode ter sido determinante na sua capacidade criativa.

No caso específico de Van Gogh, observa a autora que diferentemente dos aspectos tradicionais da epilepsia, de contorções físicas externas, seu ataque está mais relacionado às suas ideias (um surto de ideias) e às alterações de seu comportamento. Nesse liame, Susan Greenfield acrescenta que o neurocientista Shahram Khoshbin acredita que no caso de Van Gogh a epilepsia afetou o lobo temporal, que é a estrutura central responsável pelo gerenciamento da memória, além de ser nessa área do cérebro que ocorre a integração sensorial, visão e audição.

Tais considerações nos levam a refletir que as alterações de percepções e o modo como as manifestações artísticas de certos indivíduos com epilepsia se manifestam merecem notória importância para o estudo das Neurociências, destacando a relevância desta pesquisa.

3.1 Dostoevsky

Rodrigues (2015) reúne algumas informações relevantes da biografia de Fiódor Dostoevsky para o intento desta pesquisa, dentre as quais que o escritor russo teve sua primeira crise aos 25 anos, fato recorrente por toda a sua vida e que os historiadores não sabiam ao certo qual o tipo de epilepsia o acometia.

Esta autora relata também que as primeiras pistas que levam a ratificar essa tese foram retiradas de seus próprios romances em que se encontram inúmeros registros autobiográficos, como no livro “O idiota”, em que o autor descrevia as crises que acometiam um dos personagens e, ainda na obra “Os Irmãos Karamazov”, em que um dos personagens tinha espasmos vocais. Outra forte evidência encontrada é que sua esposa relatava que o marido tinha um tipo de aura apresentada com a presença de convulsões.

Yacubian (2000) revela, em seu artigo “A epilepsia retratada ao longo da História”, pela análise dos títulos de seus livros “Os demônios” e “O idiota” *que se tratava de*

uma novela sobre a epilepsia e a vida de uma pessoa epilética, no qual o personagem apresentava crises de um estado extático curto de felicidade absoluta, seguido de acentuada melancolia e profundo sentimento de culpa. O que se infere também pela escrita catártica do autor, devido ao cunho autobiográfico.

Nessa mesma linha, Sebastian (2006), com base ainda em outras fontes, como correspondências, o diário, os testemunhos de pessoas próximas e dos médicos que o examinaram, além das obras mencionadas, questiona: *Que lugar ocupa a epilepsia nessa enxurrada de problemas e golpes de azar?* E propõe o seguinte: *Paradoxalmente, talvez tenha sido a doença a salvar Dostoevski da penúria mental.*

4. O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE CRIADORA E A EPILEPSIA

Investigar a Criatividade é complexo em virtude de sua definição demasiadamente incerta, em virtude de ser uma área pouco investigada e que ainda precisa, pela sua notória importância, de mais contribuições. A despeito disto, apresenta-se a definição de Carneiro (2014), segundo o qual a criatividade é a capacidade que a pessoa tem de expressar, por meios diversos, ideias novas, que solucionam, de forma satisfatória, os desafios da vida, em qualquer área. É o poder de transformar objetos comuns em obras de arte ou dar lhes novas utilidades.

4.1 Lateralidade e percepção

Segundo Edwards (2005), a lateralização é o ponto até onde funções específicas são executadas com exclusividade quase total por um dos dois hemisférios. A percepção e cognição nos dois hemisférios do cérebro e a individualidade de cada um é algo que trouxe inúmeras contribuições para compreender seus funcionamentos. Nesse sentido, Carneiro (2002) em seu artigo *Lateralidade, Percepção e Cognição*, nos propõe o seguinte questionamento: *Existe mesmo a lateralização das emoções e do intelecto humano, ou seja, os dois hemisférios cerebrais têm funções especializadas e diferentes?* A resposta demanda uma digressão sobre as pesquisas acerca do tema.

Ao longo das últimas décadas, pesquisas científicas confirmavam um fato: o predomínio sobre um lado do corpo sobre o outro. Edwards (2005) acrescenta que há mais de duzentos anos, os cientistas sabem que a função da linguagem e de aptidões está relacionada com a linguagem e relaciona-se principalmente no hemisfério esquerdo da maioria das pessoas, conclusão essa que só foi possível, graças à observação dos efeitos das lesões cerebrais.

Sendo mais específico, Matos (2007) anota que, em 1836, o médico francês Marc Dax sugeriu pela primeira vez que o cérebro humano possuía dois hemisférios com funções distintas. Todavia, tal fato não despertou interesse da área científica por vários anos até que foi confirmado por outro francês, o cientista Paul Broca, ao descobrir que o centro motor de comando da linguagem falada encontra-se no hemisfério esquerdo, hoje denominado de área de Broca. Posteriormente descobriu-se que a percepção da fala e estruturas geométricas, escrita, criatividade, e diversas outras funções também são lateralizadas.

Por esses motivos, acreditava-se que o hemisfério dominante era o esquerdo por estar mais relacionado à percepção da escrita, fala. Por outro lado, acreditava-se que o hemisfério “subordinado” era menos desenvolvido que o outro hemisfério “dominante”, tendo evoluído menos, concepção essa que prevaleceu até pouco tempo atrás.

Na época, segundo Edwards (2005) julgava-se também que o *corpo caloso* pelo seu tamanho, pelo grande número de fibras nervosas e por sua localização, fosse uma estrutura importante. Todavia, por mais estranho que fosse, os dados conhecidos indicavam que o corpo caloso poderia ser inteiramente cortado sem que se observasse qualquer efeito significativo.

Roger W. Sperry e seus alunos, em 1950, no Instituto de Tecnologia da Califórnia, verificaram que na verdade uma das principais funções do corpo caloso, era permitir a comunicação entre os dois hemisférios, facilitando a transmissão da memória e do aprendizado. Além disso, verificou-se que mesmo quando o feixe era cortado, as duas metades do cérebro continuavam funcionando independentemente.

Anos mais tarde, Phillip Vogel e Joseph Bogen realizaram cirurgias em pacientes epiléticos gravemente afetados em suas crises nos dois hemisférios que consistia em cortar o corpo caloso separando um hemisfério do outro, a chamada “*operação do cérebro bipartido*”.

Esta experiência demonstrou que não ocorreram grandes mudanças comportamentais nos indivíduos que se submeteram a essa cirurgia, mas as crises cessaram, e a partir dessa constatação os cientistas começaram a ter conhecimento da existência de funções próprias de cada lado do cérebro. Esta nova concepção trouxe uma notória contribuição no âmbito da educação em geral e, em particular, no ensino e aprendizado do desenho (CARNEIRO, 2014, p. 56 e 57).

5. A visão da neurociência aplicada à criatividade

“Uma das maneiras de se definir uma pessoa criativa é dizer que ela é capaz de processar de formas novas as informações que lhe chegam - as informações sensoriais que se encontram disponíveis em todos nós (...) Mas uma pessoa criativa, enxerga intuitivamente possibilidades de transformar dados comuns em nova criação, que transcende a matéria prima (...) As pessoas criativas estão sempre reconhecendo as diferenças entre os dois processos de coletar dados e transformando estes dados de maneira criativa. A neurociência agora está iluminando esse processo dual. Sugiro que o conhecimento dos dois lados do cérebro é uma etapa importante para liberar o potencial criativo” (EDWARDS, 2005, p.60).

É importante salientar que os dois hemisférios recebem a mesma informação sensorial. Todavia, cada metade do cérebro pode processar essa informação de maneira diferente, ou seja, cada uma lida com a informação de maneira diferente.

O hemisfério esquerdo analisa, abstrai, conta, marca o tempo, planeja cada etapa de um processo, verbaliza, faz declarações baseadas na lógica. Por outro lado, ao usarmos o hemisfério direito, compreendemos metáforas, sonhamos, criamos novas combinações de ideias. Edwards (2005) reforça que a modalidade do hemisfério direito não recebe a devida atenção, pois grande parte do nosso sistema educacional destina-se a cultivar tão

somente as aptidões do hemisfério esquerdo-verbal, racional, pontual.

Rocha (2009) também concorda que o sistema educacional estimula e valoriza, em geral, o pensamento que converge e analisa logicamente, em detrimento da imaginação criativa, intuitiva e subjetiva, própria do pensamento que diverge. Ou seja, as crianças ficam presas ao mesmo modo de expressão. Ao privar o ato criativo, o indivíduo apenas repete, cria padrões, em cima de modelos já pré-estabelecidos, o que faz com que não haja uma autoexpressão, pois não existe esse espaço para que ele se represente.

Nessa linha de pensamento, Rocha (2009) defende a **“Escola Criativa”**. O objetivo é que a criatividade seja estimulada, desenvolvida, trabalhada, valorizada e reconhecida como **“matéria-prima para educar”** e que o **“fazer criativo”** esteja sempre presente na educação escolar. Para isso, essa autora afirma que a escola deve proporcionar um clima confiável e facilitador do desenvolvimento de potenciais criativos, o que determinará uma autoconsciência do processo vivenciado, do produto e potenciais próprios do aluno, cujo oferecimento de estímulos certos pode evocar uma torrente de criatividade.

Ao defendermos a necessidade de se trabalhar mais o hemisfério direito para o melhor desempenho na criatividade, não ignoramos o fato de que a criatividade envolve o cérebro todo. A pretensão, ao dar ênfase ao hemisfério direito, é a necessidade de exercitá-lo, de fazê-lo ter espaço e reconhecimento, pois as inteligências múltiplas estão presentes e precisam ser trabalhadas, enxergando o vasto potencial presente nos indivíduos, e em especial nas crianças portadoras de epilepsia.

Nesse enfoque é preciso trabalhar com recursos lúdicos, criando assim, um ambiente agradável, em que além de estimular a imaginação, permita-se aprender e, ao mesmo tempo, trabalhar a cognição, a percepção, a criatividade, a sensibilidade, produzindo o envolvimento afetivo-emocional e a livre expressão por meio de técnicas artísticas expressivas.

5.1 A Arte e neuroplasticidade cerebral

Carneiro (2014) fala que é imprescindível estimular as diversas áreas do encéfalo

desde a infância, para ajudar os neurônios a formarem novas conexões, diversificando os campos de interesse e promovendo o autoconhecimento. Acrescenta, ainda, que se exercitarmos as mais diversas áreas, inteligências, competências e habilidades, estaremos estimulando o encéfalo como um todo.

Tais afirmações reforçam a importância da atividade artística para a dinâmica da neuroplasticidade cerebral, pois ativa outras funções cognitivas, tais como a memória, a atenção, a inteligência, a lateralidade e a cognição, além de estimular a autoestima e o conhecimento do processo de *individualização*, em sua concepção junguiana.

Tal linha de pensamento está em compasso com o conceito de **“inteligências múltiplas”**, proposto por Howard Gardner, que entra em dissenso sobre o paradigma da inteligência única, ao propor que a vida humana requer o desenvolvimento de vários tipos de inteligências, quais sejam espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalística e musical.

Esta concepção, tal qual acentua Acampora (2015) traz um novo olhar para a educação infantil, pois abre um leque de possibilidades para se trabalhar com as crianças e saber que áreas do cérebro são responsáveis por tais habilidades e estimulá-las com jogos e atividades que desenvolvam melhor cada habilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, destacamos que o objeto da pesquisa requer uma análise mais profunda e apurada dos fatos, o que se pretende fazer em um momento posterior através de pesquisa de campo, dissertação e tese. Dito isso, pretendeu-se despertar a atenção dos leitores e cientistas para pensar na criatividade como uma ferramenta eficaz para estimular a capacidade cognitiva e a autoestima de crianças acometidas pela epilepsia.

Por esse motivo, exploramos, ainda que de forma não exaustiva, a trajetória de grandes personalidades para reforçar o quão estes gênios, em suas épocas, conviveram com o sofrimento decorrente da doença e mesmo assim contribuíram com suas ideias e descobertas nas áreas da ciência, física, música, artes, literatura e política. Isso reforçou a ideia de que é preciso acreditar na

sua capacidade criadora, no seu diferencial e no legado que esses indivíduos deixaram para a nossa sociedade.

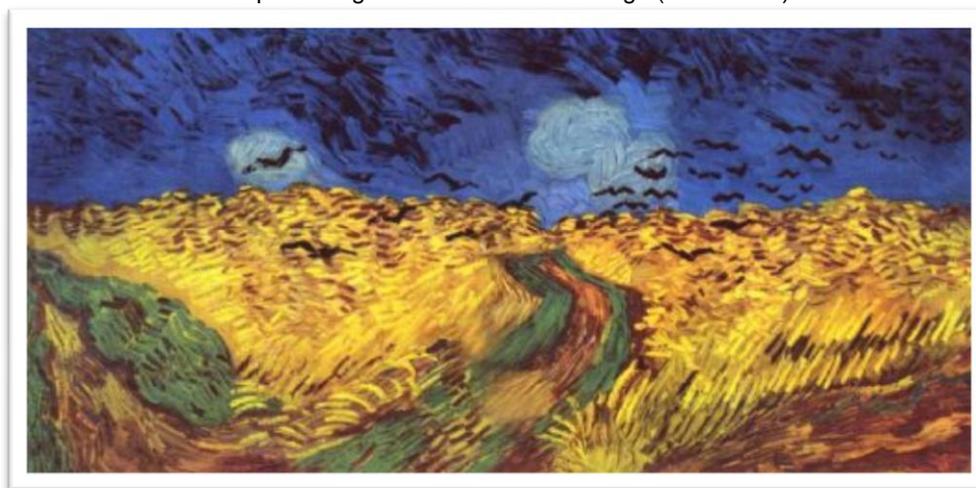
Sem desejar exaurir o tema, e tendo em vista a ainda incerteza se a epilepsia foi causa da ampla criatividade de tais sujeitos históricos ou mera coincidência, acreditamos não ser coincidência, e que tais questões sobre a criatividade e a epilepsia merecem mais pesquisas e estudos, haja vista que tais esforços ajudariam a romper com o preconceito e o estigma de impotência desses indivíduos.

Esperamos, sinceramente, que tais assertivas possam abrir espaço para que novos olhares possam ser destinados a esses indivíduos, tanto no processo de inclusão escolar como integração na sociedade como um todo. Eis aqui, sem dúvida, um bom campo de investigação e contribuição para as Neurociências na Educação.

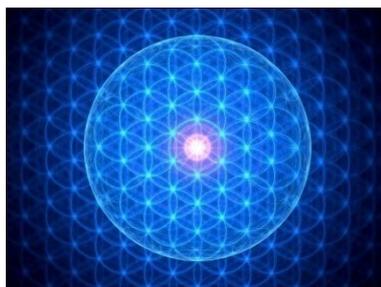
REFERÊNCIAS

- ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia Clínica: O despertar das Potencialidades**. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.
- AMADEU, Rafael. **História de Epilepsia**. Disponível em: <http://amadeurafael.blogspot.com.br/2010/10/historia-da-epilepsia-lv.html>. Acessado em: 08/10/2015
- CARNEIRO, Celeste. **Criatividade e Cérebro: um jeito de fazer artzen**. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- _____ **Lateralidade, Percepção e Cognição**. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/lateralidade.html>. Acessado em: 25/11/15.
- DANTAS, Fabio; RIBEIRO, Clarissa; WINDSOR, Junior. **Epilepsia em Celebidades**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jecn/v14n2/v14n2a06.pdf>. Acessado em 25/11/2015.
- EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. trad. Ricardo Silveira-Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Tradução de: The new drawing on the righth side of brain.
- GREENFIELD, Susan. **VAN GOGH E EPILEPSIA**. Disponível em: <http://www.epilepsiabrasil.com.br/site/noticias/van-gogh-e-epilepsia>. Acessado em: 27/11/2015.
- MATOS, Franc. **Lateralização Cerebral**. Disponível em: <https://frankherles.wordpress.com/2007/11/05/lateralizacao-cerebral/>. Acessado em: 03/11/2015.
- ROCHA, Dina. Neurociência e a criatividade. 2009. In: RELVAS, Marta. **Que cérebro é esse que chegou à escola?**. Ed. Wak. 2012. In: Neurociência e Criatividade.
- RODRIGUES, Carla. Epilepsia que ninguém vê. In: **Revista Psique, Ciência e Vida**, nº 117, ano 2015.
- SEBASTIAN, Diegues. **O mal sagrado de Dostoiévski**. Acessado em: http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/o_mal_sagrado_de_dostoiévski_imprimir.html. Acessado em 22/12/2015.
- YACUNBIAN, Elza. **A epilepsia retratada ao longo da história**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/epilepsia/ep19.htm>. Acessado em: 02/12/2015.

Campo de Trigo com Corvos – Van Gogh (Julho/1890)



Fonte: Van Gogh Museu, Amsterdã - Holanda



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

6 - ARTETERAPIA E O 12º CONGRESSO BRASILEIRO DE ARTETERAPIA

De 13 a 15 de outubro de 2016

Salvador - BA

Celeste Carneiro*

Os arteterapeutas realizam Congressos nacionais e internacionais periodicamente atraindo estudantes, profissionais da Arteterapia, assim como simpatizantes desta abordagem que desejam conhecer mais sobre o tema e suas diversas aplicações.

O 12º Congresso Brasileiro de Arteterapia acontecerá em Salvador – BA, no período de 13 a 15 de outubro de 2016, quando vários temas ligados à área serão abordados por especialistas com larga experiência na formação de novos profissionais.

O que é Arteterapia**

A arteterapia é uma abordagem terapêutica com características próprias, pautada nas diversas áreas psicológicas, desde a psicanálise, a psicologia junguiana, gestalt terapia, transpessoal, dentre outras. A psicologia junguiana é a mais utilizada, uma vez que o seu criador, Carl Gustav Jung foi quem primeiro pediu a seus clientes que desenhassem ou pintassem seus sonhos, seus conflitos, escrevendo livros sobre sua prática no consultório, assim como na sua vida pessoal.

A eficácia do tratamento com arte foi descrita, inicialmente, no século XIX pelo médico alemão Johann Christian Reil (SEI, 2010, p. 8; CASSON, 2004, p. 58), criador de um protocolo (procedimentos a serem seguidos) de seu emprego no tratamento dos

pacientes com doenças mentais. Outros psiquiatras deram atenção ao seu efeito, mas, quem mais aplicou e difundiu o uso de expressões artísticas em consultório foi o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (Carneiro, 2014, p.40).

Quando Carl G. Jung, no início do séc. XX, percebeu a força libertadora da arte, passou a pedir que seus clientes desenhassem ou pintassem livremente seus conflitos, sonhos e sentimentos, sem nenhuma preocupação estética. Eles falavam e percebiam com mais clareza seus pontos críticos, revelando de forma inesperada o seu inconsciente e as questões que paralisam o fluir da vida com a vitalidade e a harmonia necessárias para se sentir feliz. Algumas vezes esses desenhos expressavam símbolos que eram comuns a vários povos e civilizações, mitos diversos, levando a Jung a ideia do inconsciente coletivo ou arquetípico, acrescentando uma contribuição valiosa para o estudo do ser e de suas manifestações artísticas.

No Brasil, o trabalho de Nise da Silveira com pacientes do Hospital Psiquiátrico D. Pedro II, no Rio de Janeiro, chamou a atenção pelo efeito transformador da arte, nas suas diversas expressões, especialmente a pintura de mandalas causando o efeito de acalmar e equilibrar os pacientes.

O trabalho terapêutico com arte consegue trazer à tona os conteúdos simbólicos com

Celeste Carneiro – Arteterapeuta junguiana (ASBART 0035/0906), terapeuta transpessoal (ALUBRAT SEA2 030). Professora em cursos de pós-graduação, escritora, supervisora, editora. Membro da Associação Baiana de Arteterapia - ASBART, da ALUBRAT - Associação Lusobrasileira de Transpessoal e do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT. www.artezen.org – cel5zen@gmail.com
**Texto publicado em outros locais, com algumas alterações.

uma rapidez e eficiência que surpreende. Diante de catástrofes, traumas ou limitações da fala, a arte se revela poderosa e reveladora. Pode ser expressa por meio de desenhos, pinturas, ou modelagens, colagens, danças, músicas, teatro, poemas e textos. De forma lúdica e prazerosa, o cliente percebe o que dificulta o seu viver e passa a reconsiderar e dar outro significado e destino ao problema, trazendo o alívio e a leveza para a vida cotidiana.

Mas, nem todos que procuram a arteterapia encontram-se com problemas. Alguns querem simplesmente se conhecer melhor, penetrar nos escaninhos do ser, entrar em contato com seu lado sombrio – desconhecido, levando luz e paz para si mesmo e para sua caminhada.

A arteterapia foi reconhecida no Brasil em 2013 pelo Ministério do Trabalho e Emprego e inserida com o número 2263-10 na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) – documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Obtém destaque cada vez maior em Hospitais e Clínicas, Escolas e Empresas, Organizações não Governamentais – Ongs e Grupos de Apoio às diversas necessidades, visando a saúde, o bem-estar, o equilíbrio, a integração (Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil, 2013).

De acordo com a definição do Ministério do Trabalho e Emprego, após demorada coleta de informações prestadas por reconhecidos arteterapeutas vinculados à União Brasileira das Associações de Arteterapia – UBAAT, os arteterapeutas

realizam atendimento terapêutico em clientes utilizando programas, métodos e técnicas específicas de arteterapia. Atuam na orientação de pacientes, familiares e cuidadores. Desenvolvem programas de prevenção, promoção de saúde e qualidade de vida. Exercem atividades técnico-científicas através da realização de pesquisas, trabalhos específicos, organização e participação em eventos científicos (Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil, 2013).

O acompanhamento arteterapêutico propicia mudanças psíquicas, facilita a expansão da consciência, oferece formas criativas para resolução de conflitos internos

e estimula o desenvolvimento do potencial humano. Restaura a criatividade, aumenta a autoestima e a segurança emocional, realizando o tratamento biopsicos-socioespiritual.

Nos atendimentos são estimulados os recursos da imaginação, a expressão dos símbolos, dos sonhos e o uso da metáfora para enriquecer o processo terapêutico.

Após as Guerras Mundiais, a Arteterapia tomou consistência e foi sistematizada por Margareth Naumburg, nos Estados Unidos, sendo publicado o seu primeiro livro sobre o tema em 1947, (Ciornai, 2004, p. 25). O livro, intitulado *Free*, trata do efeito da expressão artística relacionada a problemas de comportamento de crianças e adolescentes, usada como um meio de diagnóstico e terapia com base na pesquisa que ela realizou no New York Psychiatric Institute (Good Therapy, 2015).

Atualmente são milhares de trabalhos científicos publicados, muitos nos Estados Unidos e Europa (Malchiodi, C. A., 2003; Journal of the American Art Therapy Association; Canadian Art Therapy Association Journal; L'Association des art-thérapeutes du Québec; Lev-Wiesel, R., 2015; Guiote González, A., 2011; López, K. S. y Torres, R., 2015; Inspira Revista de La ATe, 2015; Revista Transdisciplinar; Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo; The Art Therapy Alliance; European Consortium for Arts Therapies Education), assim como livros no Brasil e no exterior (Ciornai, S. (org), 2004; Carneiro, C., 2010, 2012, 2015; Philippini, A. (org), 2013, 2015; Tommasi, S., 2005; WAK Editora; Moron, P., Sudres, J-L., Roux, G., 2004; Federação Espanhola de Associação de Profissionais de Arteterapia; Unilibro, 2016), relacionados ao efeito da Arteterapia em diversas necessidades: crianças hospitalizadas; pacientes de câncer; pessoas com dificuldade de aprendizagem; distúrbios psiquiátricos tais como esquizofrenia, depressão, estresse pós-traumático, autismo, transtornos alimentares, distúrbios de ansiedade e transtorno obsessivo-compulsivo; recuperação de algumas lesões neurológicas, em especial as sequelas de traumatismo craniano, acidente vascular encefálico (AVE) e paralisia cerebral. Em idosos, existem relatos de equilíbrio do humor e das funções cognitivas assim como melhora em indivíduos com mal de Alzheimer

e outros tipos de processos demenciais. A cada ano novos livros sobre a Arteterapia têm sido lançados no Brasil, produzidos por alunos e professores dos cursos de pós-graduação e formação em Arteterapia (Carneiro, 2015).

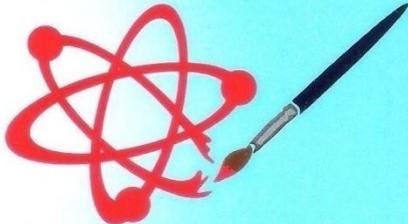
A Arteterapia, área de Ciências Humanas, é exercida por quem fez a graduação, pós-graduação ou formação em Arteterapia, cursos estes que tenham uma carga horária de, no mínimo, 560 horas, com 100 horas de estágio supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso incluídas. O curso deve ser cadastrado numa Associação de Arteterapia Estadual, validado pela União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT) e, uma vez concluído, o Arteterapeuta se cadastra na Associação de Arteterapia do seu Estado para trabalhar como tal.

Aqueles que se sentirem chamados para conhecer um pouco mais sobre a Arteterapia, convido a se inscreverem no **12º Congresso Brasileiro de Arteterapia**, que traz, como tema central **Ciência e Arte – da diversidade à integração do ser**. As inscrições são feitas pelo site www.congressodearteterapia.com que disponibiliza mais informações sobre o evento.

REFERÊNCIAS:

- Art Therapy - **Journal of the American Art Therapy Association**. Disponível em: <http://www.tandfon-line.com/toc/uart20/current> Acessado em 29/03/2016
- **Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://aatesp.com.br/publicacoes.aspx> Acessado em 30/03/2016.
- Brasil. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Brasília, DF, 2013. Disponível em <http://www.mtecbogov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acessado em Junho/2013.
- **Canadian Art Therapy Association Journal**. Disponível em: <http://canadian-arttherapy.org/cata-journal/subscriptions> . Acessado em 29/03/2016.
- CARNEIRO, Celeste. **Arte, Neurociência e Transcendência**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2010.
- _____. **Cartografias da Consciência na Prática da Arteterapia Transpessoal**. **Revista Transdisciplinar**, Vol. 1, nº 1, 2013. Disponível em <http://revistatransdisciplinar.com.br/files/2013/05/maio-13-Revista-Transdisciplinar-Cartografias.pdf> Acessado em 24/02/2013.
- _____. **Criatividade e Cérebro – Um jeito de fazer artezen**. 3ª. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015.
- CARNEIRO, Celeste. **O que é Arteterapia?** **Revista Psique Ciência & Vida**, Ano IX (nº 119), 76-79. São Paulo: 2015.
- CARNEIRO, Celeste e MACIEL, Carla. (orgs.). **Diálogos Criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012.
- CARNEIRO, Celeste e MELO, Márcia. **Arteterapia Transpessoal**. 2013. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=JopYYDRUvnA>, acessado em 23/02/2013.
- CASSON, J. **Drama, psychotherapy and psychosis**. New York: Brunner-Routledge, 2004.
- CIORNAL, Selma. (org) **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. **Coleção novas buscas em psicoterapia**; v.62. São Paulo: Summus, 2004.
- **European Consortium for Arts Therapies Education**. Disponível em: <http://www.ecarte.info/publications/> . Acessado em 31.03.2016.
- **Federação Espanhola de Associação de Profissionais de Arteterapia**. Disponível em: http://feapa.es/?page_id=225. Acessado em 31.03.2016.
- Good Therapy. **Margaret Naumburg**. 2015. Disponível em: <http://www.goodtherapy.org/famous-psy-chologists/margaret-naumburg.html>. Acessado em 31.03.2016.
- GUIOTE González, A. **Arteterapia y fibromialgia: lenguajes del cuerpo**. 2011. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/ARTE/article/view/37088>. Acessado em 31.03.2016.
- **Inspira Revista de La ATE**. 2015 - Vol.5 – Barcelona. Disponível em: <https://ateinspira.files.wordpress.com/2012/02/inspiranr53.pdf> . Acessado em 29/03/2016.
- **L'Association des art-thérapeutes du Québec**. Disponível em: <http://www.aatq.org/en/media> . Acessado em 31/03/2016.
- LEV-WIESEL, R. **Using Drawings within Therapy**. 2015. Disponível em: http://ajcat.haifa.ac.il/Images/dec_2015/rachel_eng.pdf. Acessado em 31/03/2016.
- LÓPEZ, K. S. y TORRES, R. **Arte, un sector cultural convertido em terapia**. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10045/50165>. Acessado em 31/03/2016.
- MALCHIODI, C. A. **Handbook of Art Therapy**. New York: Guilford Press, 2003.
- MORON, P., Sudres, J-L., Roux, G. **Créativité et art-thérapie en psychiatrie** (Broché) - 2e édition - Collection: Congrès psychiatrie et neuro. Ed. Elsevier Masson, 2004.
- PHILIPPINI, Ângela., Org. **Arteterapia – Métodos, projetos e processos**. Rio de Janeiro: WAK, 2013.
- _____. **Arteterapia – Campos de Atuação**. Rio de Janeiro: WAK, 2015.
- **Revista Transdisciplinar**. Disponível em: <http://revistatransdisciplinar.com.br/> . Acessado em 31/03/2016.
- SEI, M. B. **A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização**. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/AnaisIIIForumPaulistaArteterapia.pdf>. Acessado em 25/02/2013.

- **The Art Therapy Alliance.** Disponível em: <http://www.arttherapyalliance.org/GlobalArtTherapyResources.html> . Acessado em 01/04/2016.
- TOMMASI, Sonia. **Arte-Terapia e Loucura: Uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos.** São Paulo: Vetor Editora, 2005.
- **WAK Editora.** Disponível em: <http://wakeditora.com.br/loja/index.php?cPath=16&sort=6a&page=5>. Acessado em 30/03/2016.
- **Unilibro.** Disponível em: http://www.unilibro.com/find_buy/findresults.asp?idaff=0 2016. Acessado em 01/04/2016.



**12º CONGRESSO
BRASILEIRO DE
Arteterapia**

CIÊNCIA E ARTE: da diversidade
à integração do ser

**13 A 15
OUT
2016**

**Hotel Fiesta
Salvador-BA**

O Congresso evidenciará o entrelaçamento da ciência e da arte, bem como possibilitará uma maior compreensão e (re)conhecimento dos indivíduos com suas histórias, tradições, valores e símbolos, incentivando-os a cultivar o autoconhecimento, considerando a riqueza das diversidades regionais, culturais e pessoais.

ABORDAGENS TEMÁTICAS

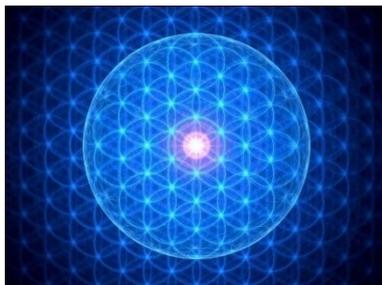
Arteterapia e ciência
Arteterapia e diversidade
Arteterapia: uma profissão

Informações e inscrições:
71 3354.9050
arteterapia@taticcaeventos.com

www.congressodearteterapia.com

Organização:  

Secretaria e Agência Oficial: 



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

7 – COMO SURFAR NA NOVA ONDA?

Ou 10 caminhos para lidar com as crises de crescimento

Fábio Novo*

Na minha experiência nestes mais de dez anos como terapeuta, *coach* e *soul hacker* tenho observado que existem alguns caminhos que nos ajudam a lidar com momentos de crise aguda, seja uma crise pessoal, seja uma crise sistêmica, como a que estamos vivendo agora.

Crises sistêmicas são crises coletivas que afetam todas as dimensões da vida. Nada fica de fora. Ninguém escapa. É uma crise holística com múltiplas fontes, variáveis e possibilidades simultaneamente integradas. É uma mudança de alinhamento no eixo central dos valores, princípios, prioridades e paradigmas que regem a sociedade como um todo.

Trabalho, economia, cultura, tecnologia, clima, educação, política, relações, mídia, família, religião, saúde, dinheiro, comportamento social, tudo, absolutamente tudo é radicalmente transformado numa crise sistêmica. É uma mudança de fase, de modelo e de sistema operacional global.

Diante deste cenário complexo, acelerado e hipermutante é bastante natural nos sentirmos perdidos, com medo e confusos sobre o que fazer e como nos posicionar para nos sincronizarmos com esta gigantesca onda de transformação.

Daí emerge o conhecimento psicoespiritual, costurado ao longo dos séculos por milhares de experiências reais, para nos ajudar a lidar com tamanha complexidade. Olhar para dentro, observar, refletir, sentir,

liberar, intuir e fluir são alguns dos caminhos. Vejamos o que mais pode ser útil.

1. Relaxamento & Criatividade

No stress tendemos a repetir padrões de pensamento, sentimento e comportamento. Os padrões vêm do passado, mas as soluções do passado não nos servem mais, precisamos de novas sinapses, novas soluções, novas visões e caminhos. A criatividade é uma bênção e um dos elementos com maior potencial de autocura e conexão. Portanto, é fundamental abriremos um espaço e um tempo em nossas vidas para poder relaxar e criar.

2. Autoconexão & Prática pessoal

Para encontrarmos o nosso caminho em meio ao caos, autoconexão é fundamental. Dificilmente vamos encontrar respostas do lado de fora. A fonte de direcionamento e significado mais confiável está dentro de nós mesmos. Ninguém sabe sozinho como resolver os problemas globais, mas é possível saber o que temos que fazer individualmente. Se cada um souber o que tem que fazer, e colocar em ação tal atividade, todos os nossos problemas seriam resolvidos muito rapidamente. Mas para ter esta clareza, é muito importante ter uma prática pessoal diária de harmonização com a nossa essência. Sem isso, é quase impossível sustentar um bom grau de conexão, e sem conexão, o GPS não

*Fábio Novo é terapeuta, *coach*, autor, palestrante, empreendedor, facilitador de meditação e de processos de autoconhecimento e cofundador do Hiperespaço. Atua há mais de 11 anos como *coach* e terapeuta. Formado em Psicossíntese (CPSP), Yoga & Meditação (Sivananda) e *Coaching* (ICI), é o sintetizador da HoloSíntese, uma nova abordagem para o desenvolvimento humano integral. Graduado em Administração de Empresas na FGV, com pós-graduação em Marketing e especialização em Novas Mídias na New York University. www.holoplex.org fabionovo@hotmail.com

funciona, e sem direcionamento, ficamos perdidos. Portanto, encontre uma prática que te atraia como, por exemplo, dançar, cantar, meditar, pintar, sonhar, escrever, caminhar, e pratique diariamente.

3. Confiança

Depois que saltamos de paraquedas, é melhor confiar que ele vai abrir. Nós já estamos aqui, “encarnados”. Escolhemos estar aqui neste momento de transição planetária, então é melhor confiar que tudo vai dar certo, do jeito que for possível. A confiança é o antídoto contra o vírus sistêmico do medo. Confiar é tecer a rede com fios de amizade e conexões amorosas para sustentar o processo de transição.

4. Alimentação

Cuidar da alimentação talvez seja uma das ações mais revolucionárias atualmente. Plantar a sua horta, preparar o seu alimento, comer orgânicos, eliminar produtos químicos, geneticamente modificados e industrializados e mudar hábitos alimentares ajudam muito no fortalecimento da autoconexão, na autocura e na mudança de paradigmas. Há quem diga que uma mudança econômica real apenas será possível com a mudança na alimentação. Concordo!

5. Corpo

O corpo é a base multifuncional da vida. É o principal veículo de manifestação da nossa consciência na terceira dimensão. Sem ele não estaríamos aqui. Isto já deveria ser o suficiente para nos convencer da sua importância, mas parece muitas vezes esquecemos de cuidar do nosso corpo. Lembre-se, o corpo é o nosso *hardware* e precisa tanto de movimento como de descanso.

6. Sono

Dormir bem é a melhor forma de *restartar* o nosso sistema psicoenergético. Durante um bom sono processamos os conteúdos psicológicos vivenciados durante o dia, restauramos a nossa energia (o que estimula os processos de autocura) e reorganizamos a consciência como um todo. Atualmente dorme-se muito mal, especialmente nas grandes cidades. Alimentação pesada, café, poluição sonora, drogas, falta de atividade física, *stress* e excesso de estímulos estão entre os

principais fatores prejudiciais. Talvez o mais importante para melhorar a qualidade do sono seja encontrar um jeito de se preparar para dormir, ou seja, de ritualizar o ato de dormir.

7. Sonhos

Um bom sono geralmente vem acompanhado de bons sonhos, ou seja, de sonhos restauradores, que informam, orientam, energizam e até curam. Estabelecer uma relação como o mundo dos sonhos é fundamental para quem quer se comunicar com o inconsciente e aprender sobre si mesmo. Para isso, basta começar a anotá-los e a interagir com eles, conversando, desenhando, dançando, sentindo e dando vida a eles.

8. Família & Relacionamentos

Curar as relações talvez seja uma das nossas maiores prioridades. Bloqueios psicoemocionais e afetivos, seja na família, no trabalho ou nos grupos de amigos, são um dos maiores entraves em nossa evolução. Relações mal resolvidas e pendentes minam a nossa energia e roubam a nossa vitalidade. A meta é harmonizar todas as relações, em todos os níveis, o mais rápido possível. E para isso, existem infinitas maneiras de fazer. E é importante que cada pessoa encontre a sua.

9. Causas

Estamos na era da colaboração, da cocriação e do compartilhamento em rede. Dedicar-se a uma ou várias causas além de ser altamente prazeroso, energizante e restaurativo, é também fundamental para a nossa realização espiritual. Apoiar, investir, divulgar, mobilizar, voluntariar e colaborar com causas, movimentos e projetos verdadeiros gera abundância, traz contentamento e potencializa a evolução individual, coletiva e global. Precisamos estar juntos para sustentar a transformação e temos muito a oferecer.

10. Inovação

Todos os itens anteriores convergem para a necessidade urgente de inovar em nossas vidas. Crise estimula mudança de visão, percepção, consciência e, principalmente, de comportamento. De nada adianta saber sem agir, compreender sem mudar, conhecer sem transformar. A mudança só é plena quando

abandonamos padrões obsoletos do passado e atualizamos o nosso estilo de vida na prática. Isso significa desde arrumar o armário até mudar os hábitos alimentares, passando por curar as relações, abandonar vícios destrutivos, desapegar de tudo aquilo que não serve mais; cuidar de si mesmo, dos outros e do planeta; reciclar o lixo, participar proativamente de movimentos de inovação social, colaborar com causas transformadoras, diminuir o seu impacto ambiental e alinhar a sua ação com o seu propósito de vida de forma criativa, divertida e conectada.

Inovar é o melhor caminho para entrar em sincronicidade com o futuro.

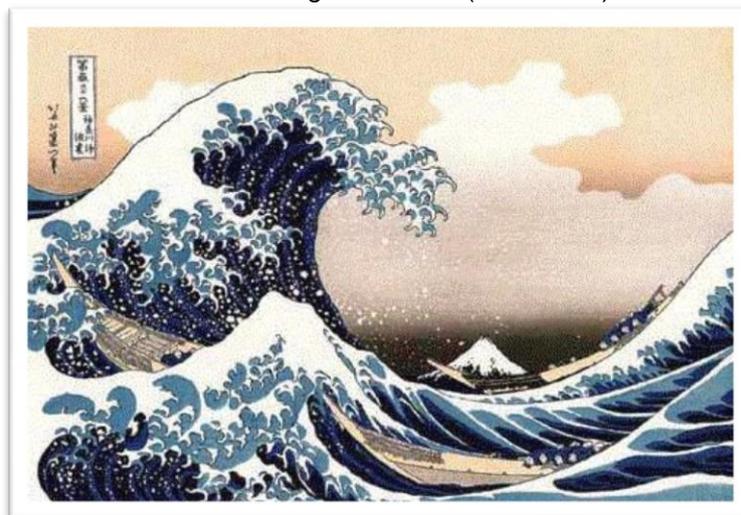
Bom, meus amigos e amigas, a lista não termina por aqui, mas considero que estes caminhos já sejam um bom começo. O que posso dizer é que comigo tem funcionado. Espero que seja útil para vocês também.

Um abraço.

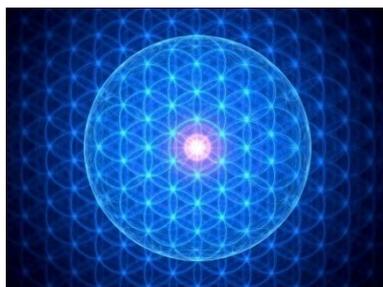
Fabio Novo

(Extraído, com autorização do autor, do site: <https://medium.com/@fabionovo/10-caminhos-para-superar-a-crise-7eda5c64c916>).

A Grande Vaga - Hokusai (1760-1849)



Fonte: <http://rabiscos.vmrbeiro.net/index.php/artecultura/162-a-grande-vaga>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

8 – INSTRUMENTALIZANDO PROFESSORES PARA O DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE – TDAH

Ivana Braga de Freitas*

Indivíduos com TDAH olham pelas janelas. Na realidade, não param quietos, ficam dispersos, perdidos. Entretanto também enxergam coisas novas, ou descobrem novas formas de enxergar coisas antigas. Não são somente desligados deste mundo; são também os antenados, muitas vezes ao que é novo e fresco. Constantemente são os inventores e os realizadores, os que fazem o mundo mover (HALLOWELL; RATEY, 1999).

RESUMO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma síndrome relativa ao autocontrole, dificuldades em manter a atenção, controlar impulsos e a atividade motora. É um dos transtornos de maior prevalência na infância. As alterações decorrentes contribuem para que ocorram prejuízos no processo de aprendizagem. Contudo observa-se que muitos professores não compreendem o TDAH, bem como há escassos investimentos na formação. O objetivo deste artigo é compartilhar com educadores estratégias que possam favorecer a prática pedagógica consistente, possibilitando a compreensão das necessidades de quem apresenta o TDAH. No presente estudo são apresentadas estratégias para a estruturação da sala de aula, a organização das informações, a facilitação da compreensão da leitura, o desenvolvimento de habilidades na escrita, estratégias o aprimoramento do raciocínio lógico, assim como para uma melhor execução das atividades de casa. Ao final, conclui-se que mediante as mudanças propostas os ganhos serão compartilhados por toda a turma, não restringindo-se ao aluno que apresenta o TDAH.

ABSTRACT

The Attention Deficit Disorder and Hyperactivity Disorder (ADHD) is a self on the syndrome, difficulty in maintaining attention, control Impulsis and motor activity. It is one of the most prevalent childhood disorders. Changes resulting contribute to losses occurring in the learning process. However it is observed that many teachers do not understand ADHD, and there is little investment in training. The purpose of this article is to share with educators strategies to promote the consistent teaching practice, enabling the understanding of the needs of who has ADHD. In this study are presented strategies for structuring the class sla, the organization of information, facilitating the understanding of reading skills development in writing, strategies improvement logical reasoning, as well as better implementation of home activities . Finally, it is concluded that the changes proposed by the gains will be shared by the whole class, not limited to the student who has ADHD.

*Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora em cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. ivanapsicopedagogia@gmail.com
www.interacaopsicopedagogia.com

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma síndrome relativa ao autocontrole, às dificuldades em manter a atenção, monitorar os impulsos e a atividade motora (GRAEFF e VAZ, 2008). Trata-se de um problema de saúde mental, biodimensional (BENCZIK, 2010); (ROHDE e BENCZIK, 1999), que se caracteriza essencialmente por desatenção, hiperatividade e impulsividade (CASTRO; NASCIMENTO, 2009). Por "...desequilibrar os mecanismos de atenção e memória, muito utilizadas na aprendizagem, o TDAH tem contribuído de forma considerável ao fracasso escolar (SAMPAIO E FREITAS et. al., 2011:131)."

É um dos transtornos do desenvolvimento com maior prevalência na infância (NETO, 2010); (ESTANISLAU e MATTOS, 2014). Muitos estudos demonstram que o TDAH atinge entre 3 a 6% da população mundial (BENCZIK, 2010); (CASTRO e NASCIMENTO, 2009); (GRAEFF e VAZ, 2008); (GOMES e PALMINI, 2007). Dessa forma, é possível hipotetizar que numa sala composta por 20 a 25 crianças pelo menos uma, apresenta o referido transtorno (CASTRO e NASCIMENTO, 2009).

As alterações dos sistemas motores, perceptivos, cognitivos e do comportamento corroboram para prejuízos no processo de aprendizagem ainda que se observem características neurológicas estáveis e compatíveis ao processo de desenvolvimento (ROTTA, OHWEILER e RIESGO, 2006).

No processo diagnóstico percebe-se que a faixa etária de maior significância para o indivíduo é a fase escolar, dada a possibilidade de que as intervenções apresentem melhores resultados e prognósticos favoráveis para o desempenho social e cognitivo.

Na avaliação, bem como no tratamento do TDAH, a escola apresenta papel crucial. No entanto, observa-se que muitos professores não conhecem e não compreendem o TDAH enquanto transtorno (GOMES e PALMINI, 2007). Aprofundar conhecimentos e investir no processo de formação profissional proporcionaria melhoras relevantes no ambiente de trabalho dos professores e nos relacionamentos interpessoais entre pais-crianças, professores-crianças e crianças-crianças (LEONARDI e RUBANO, 2012).

Na escola, o professor tem o papel de organizar e planejar todas as ações pedagógicas. A análise de situações que antecedem comportamentos disfuncionais é fundamental para a compreensão das características particulares do aluno. Assim como fornecer *feedbacks* positivos quando houver avanços esperados se faz necessário para que se estabeleçam situações de aprendizagens significativas (BENCZIK, 2010); (DUPAUL e STONER, 2007); (CASTRO e NASCIMENTO, 2009); (SAMPAIO e FREITAS, 2011).

Conforme estudos, 50% dos alunos com TDAH têm possibilidades de alcançar sucesso acadêmico mediante modificações nas estratégias de ensino por parte dos professores (PHELAN, 2005).

Sendo assim, o objetivo deste artigo é compartilhar com educadores estratégias que favoreçam a prática pedagógica, possibilitando a compreensão das necessidades de quem apresenta o TDAH. Segundo Vianin (2013:55), entende-se por estratégias "todos os métodos, abordagens ou procedimentos que permitem atingir o objetivo fixado."

A SALA DE AULA

Pessoas com TDAH têm uma série de dificuldades que interferem na sua qualidade de vida. São reverses que atuam diretamente no desenvolvimento acadêmico, emocional e social. Sendo a fase escolar uma etapa de suma importância para a vida, cabe realizar intervenções que viabilizem o seu desenvolvimento global.

No meio acadêmico a participação do professor é imprescindível, principalmente porque a maior parte dos indicativos inicialmente é percebida no ambiente escolar. Observa-se que os sintomas são mal adaptativos e inconsistentes ao nível esperado para a faixa etária e escolaridade (ROHDE e BENCZIK, 1999).

Contudo, os sintomas do TDAH começam a ser analisados - com maior frequência - após os cinco anos, quando a escola passa a sistematizar o conhecimento acadêmico e exigir habilidades que envolvem atenção e autocontrole por parte do aluno. A partir dessa fase, o ambiente escolar passa a ser fonte dos mais variados desafios e habilidades cognitivas cada vez mais sofisticadas, abstratas e complexas. Além

disso, o volume dos conteúdos exige maior esforço e organização.

Estudantes com TDAH geralmente apresentam dificuldades no desempenho acadêmico e na consolidação de suas aprendizagens. Elevar as chances de progresso exigirá do professor uma série de aquisições e competências profissionais que visam a utilização de estratégias variadas, assim como de formação continuada, para a compreensão do quadro clínico e para realização do ensino focados na aprendizagem exigindo adaptações no repertório, planejamento e na metodologia.

A maleabilidade ou “jogo de cintura” é peça fundamental nesse processo. Entende-se por essa característica a capacidade de pensar alternativas, avaliar a eficácia, realizar modificações no percurso muitas vezes com atividades em andamento. É perceber e estar aberto a verificar a modalidade de aprendizagem do aluno, além de estruturar a rotina e o ambiente de forma sistemática.

Essas características explicitarão a necessidade de intervenções adequadas e validadas através do rendimento do educando no decorrer de todo o processo e poderão trazer impactos positivos elevando as chances de um prognóstico favorável ao desenvolvimento global do sujeito.

O professor do período relativo ao Ensino Fundamental I é o apoio para o funcionamento executivo da criança. Nessa perspectiva, este mediador do desenvolvimento da criança deve criar um ambiente favorável ao seu crescimento.

Primeiramente, cabe pensar que o ambiente de estudo da sala de aula precisa ser planejado para a manutenção do foco atencional durante as atividades. De acordo com Sampaio e Freitas et. al. (2011), o aluno com TDAH não apresenta dificuldades para prestar atenção, mas para manter a atenção no decorrer da atividade. Isso se explica pela sua incapacidade de inibição sustentada relativa a estímulos ambientais alheios ao objetivo proposto (ROHDE e BENCZIK, 1999). “Professores acreditam que essas crianças dispersam porque não compreendem, quando a situação é exatamente inversa: elas não compreendem porque dispersam.” (FIGUEIRAL, 2010:336). Essa característica se justifica pelo déficit inibitório que impede a manutenção do foco em detrimento de estímulos alheios à tarefa.

Fica claro então, que quanto menor o número de estímulos no ambiente, maiores as chances do aluno manter-se focado durante maior tempo no período de atividades.

Uma sala de aula estruturada corrobora para que a criança se compreenda no espaço da aprendizagem. A clareza do que se espera pode ser elucidada através de regras claras e diretas sobre o que se almeja. Isso implica diretamente na atuação do professor.

Outro aspecto relevante para um bom desenvolvimento das atividades é a oportunidade dada ao educando de proatividade frente aos acontecimentos futuros. Ocorre quando o professor organiza a rotina e compartilha com os alunos o cronograma diário do que será realizado. Os roteiros permitem que se situe no tempo e no espaço, podendo refletir sobre o que foi realizado, ativando a memória, bem como antecipando o que virá nos momentos seguintes, evitando a ansiedade e a perda da motivação.

Quando o professor tem consciência sobre a sua mediação didática para o funcionamento executivo dos alunos para a faixa etária que irá trabalhar, ele organiza as atividades na sala de aula compartilhando suas estratégias e pensamentos acerca do planejamento das atividades. Ao apresentar ao aluno o que será trabalhado, ele tem a chance de expressar à turma o que se espera como produto proposto, os procedimentos e as atitudes adequadas para aquela atividade. Enfim, ele estrutura e modela o ambiente juntamente com a turma, antecipando passos para que paulatinamente possam assumir esse lugar. Quando no Ensino Fundamental II, muitos professores não mais farão esse papel.

FACILITANDO A APRENDIZAGEM

A partir da compreensão de que as atitudes do professor, bem como a estruturação do ambiente são aspectos decisivos para a aprendizagem do aluno com TDAH, faz-se importante instrumentalizar o profissional com estratégias que poderão favorecer o processo de ensino-aprendizagem e minimizar as chances de lacunas no desenvolvimento acadêmico.

Aulas expositivas tendem a gerar um maior grau de dispersão, não só por quem apresenta o transtorno, mas para os demais alunos envolvidos neste contexto. É importante que o professor utilize e faça variações em seu repertório durante as explicações possibilitando maiores chances de apropriação das informações, aprofundamento e retomada quando o aluno tiver que rever em casa o que foi abordado nas aulas.

Dessa forma, trabalhar com variedades de técnicas e metodologias pode ser um excelente atrativo. O professor dinâmico utiliza diversas formas de trabalhar os assuntos:

- Fazer um esquema no quadro durante as explicações é um bom modelo para que os alunos possam construir esquemas mentais sobre o assunto;
- Os Mapas Mentais ou o uso do esquema heurístico - "o exercício consiste em colocar no meio da folha o conceito-chave e depois, em torno dele, em forma de estrela, os conceitos secundários, os exemplos, as definições, etc. (VIANIN, 2013; 61) – também são recursos que podem ser lançados nos momentos iniciais, quando se deseja levantar conhecimentos prévios e desafiar a turma a pensar e fazer associações livres sobre determinado tema. Outra opção interessante é elaborá-lo juntamente com o professor, a partir da leitura do texto de base que direciona a aula. Sendo uma construção da turma, terá maiores chances de adesão;
- Mapas Conceituais também podem ser construídos na mesma perspectiva. Contudo, estes diferenciam-se dos Mapas Mentais na medida em que os conceitos são organizados hierarquicamente, partindo de concepções mais gerais às mais específicas. Respondem a uma questão focal. Estes são ligados por meio de setas, linhas, pernas e relacionam palavras a conceitos que podem vincular informações fundamentais. O objetivo do mapa conceitual é analiticamente reduzir o conteúdo a uma estrutura de apropriação visualmente fácil para o aluno, pois traz as representações fundamentais de um conhecimento (SANTOS e BEHREN Set al. 2010);
- A construção coletiva de palavras cruzadas ou mesmo em equipes para que outro grupo possa encontrar as respostas proporcionará aprendizagens significativas de conceitos e vocabulários específicos da matéria;
- Imagens, vídeos, filmes quando lançados durante a apresentação dos assuntos são excelentes geradores de ideias para discussões;
- *Slides* são recursos interessantes, principalmente quando se utilizam poucas e curtas sentenças, variedade de imagens e outros recursos atrativos, mantendo o foco atencional por maiores períodos de tempo;
- O quadro branco ainda é o recurso mais utilizado. Muitas vezes é o único disponível para o professor no seu dia a dia e será o espaço das construções mencionadas. Contudo, lançar mão de letras e fontes diferenciadas na própria escrita, além de cores variadas são facilitadores para que o aluno vincule maior atenção aos destaques;
- Trabalhos em equipes, seminários, feiras e amostras científicas são formas de trabalhos que podem e devem ser implantadas com maior frequência em todas as áreas de conhecimento, pois propiciam uma aprendizagem mais prazerosa e envolvente;
- Leituras compartilhadas pelo professor que remetem a textos extras ou pesquisas explicitam a importância que se atribui ao conhecimento que pretende mediar na construção. Logo, devem ser realizadas periodicamente. Essa proposta permite ao aluno “ver” o professor como leitor, não apenas como alguém que quer “dar um assunto”;
- Cabe também promover situações que permita auxiliar o aluno na compreensão de vocabulários próprios do assunto abordado. Além de criar técnicas que favoreçam a memorização dos mesmos através de: músicas, rimas, fórmulas e etc.;
- É importante que o aluno, em qualquer idade ou período escolar, consiga relacionar o que está aprendendo com a sua vida prática para que dê sentido ao conteúdo. Sabe-se que à medida

que o aluno avança academicamente, essa possibilidade vai se tornando cada vez mais escassa em função da demanda de conteúdos. Contudo, cabe ao professor desenvolver atividades complementares para que sua turma experimente conhecer para compreender e elaborar significado;

- Considerar a modelagem como um recurso estratégico. Essa proposta consiste no professor considerar aprendizagens que os alunos já tenham consolidadas para construir novos conhecimentos. Ocorre através de aproximações sucessivas tendo como resultado final uma nova aprendizagem. O aluno que já tem conhecimento sobre expressões numéricas e agora aprenderá equações de primeiro ou segundo graus, poderá consolidar essas novas aprendizagens através da modelagem. Neste caso, o professor apresenta por aproximações sucessivas o novo conhecimento e reforça diferencialmente e imediatamente o aluno quando este realiza procedimentos que levarão a aprendizagem desse novo conteúdo, até que a nova aprendizagem seja consolidada (MOREIRA, 2007). Para tanto o professor executa a atividade exteriorizando os seus recursos em voz alta: identificando erros, fazendo correções, explicitando inferências e etc;
- Há situações que os jogos podem favorecer o aprendizado e outras com possibilidades de adaptações criativas. Em geografia o assunto “coordenadas geográficas”, por exemplo, pode ser apresentado através do jogo batalha naval. Há também uma adaptação deste jogo para a área de química na apresentação e memorização da tabela periódica;
- Aulas geminadas costumam ser dispersivas. Caso seja inevitável, procure realizar variações de atividades durante este espaço de tempo, assim, ficarão mais dinâmicas e atrativas.

“Há mais de vinte anos já se comprovou que 98% do aprendizado é feito por meio dos olhos e ouvidos.” (DOWNS JR., 1971, apud BENCZIK, 2010: 45) Vianin (2013; 73)

reafirma acrescentando ainda que “Essas informações são armazenadas provisoriamente em um registro, a memória de trabalho, que as mantém ativas durante o tratamento.” Sendo assim, entende-se a importância de desenvolver as formas atencionais visual e auditiva principalmente nos casos onde o TDAH se faz presente.

PROMOVENDO AVANÇOS NA COMPREENSÃO DA LEITURA

Segundo Alves e Pinheiro et. al. (2009: 93), “um bom leitor é aquele que lê com profunda compreensão, o que é demonstrado por meio de habilidades como a de abstrair, aplicar ou generalizar as informações de um texto.” Ainda de acordo com os autores, existem

(...) seis fatores que contribuem para a compreensão da leitura, a saber: habilidade de decodificação, competência na linguagem oral; expansão lexical; capacidade de fazer inferências; domínio do conhecimento; e fatores sociais, sendo os dois primeiros e o domínio de conhecimento os três fatores principais (op.cit).

Sendo assim, para alcançar fluência e compreensão, os estudantes necessitarão de bons modelos durante todo o Ensino Fundamental I e inclusive parte do Ensino Fundamental II, independentemente de haver alunos com dificuldades e/ou transtornos na sala de aula.

Ocorre que na maior parte das vezes, os educadores têm a concepção de que após o processo de alfabetização, as crianças devem continuar o caminho sozinhas. Tal “crença” traz enormes prejuízos àqueles que apresentam dificuldades. Certamente terão maiores chances de intensificarem essa característica, tornando o ato de ler algo extremamente aversivo ao longo da trajetória escolar, já que na medida em que avançam na escolaridade, os textos ganham maior volume, vocabulários mais abstratos e complexos, exigindo muito mais da memória operacional para garantir a retomada durante e após a leitura.

O aluno com TDAH tem prejuízos substanciais no que se refere à memória. “A criança frequentemente esquece instruções, direções, lições e designações. A retenção

geral de informações é difícil para ela; demonstra dificuldades para lembrar-se das informações, se não tiver pistas visuais, pois trabalha melhor em nível concreto” (BENCZIK, 2010:45).

Por isso, é importante que na sala de aula o professor realize com frequência, leituras variadas para os alunos ou com os alunos.

Realizar leituras refere-se a uma ampla possibilidade de atividades. Há textos verbais, não verbais e mistos. Todas as formas de apresentação precisam ser exploradas pelo professor juntamente com a turma e isso independe da matéria. Textos relativos aos conhecimentos de história, geografia e ciências ganham grande complexidade à medida que os alunos avançam academicamente.

Uma das grandes dificuldades encontradas para os alunos que apresentam TDAH é que na medida em que o nível de escolaridade cresce, os modelos de professores leitores diminuem. Este é um aspecto que contribui para a consolidação das dificuldades

Invariavelmente alunos com TDAH são mais imaturos em relação aos seus pares, logo necessitarão desse apoio por mais tempo para que construam repertório e ampliem potenciais para a compreensão e realização de inferências.

As estratégias serão melhores, se mais modelos forem oferecidos nas diversas aulas que ocorrerem durante o período escolar.

Atividades que envolvem leitura por parte do professor podem ser realizadas sob diversas perspectivas:

- Levantar com o aluno aspectos que permitam conhecer ou reconhecer a intenção do leitor sobre o texto ou mesmo a intenção do autor quando escreveu o texto;
- Antecipar o assunto que será trabalhado no texto permitirá levantar conhecimentos prévios;
- Leitura com discussão sobre aspectos nucleares do texto permite que o aluno se situe sobre o assunto central do que está sendo tratado, possibilitando uma melhor interpretação e realização de inferências;
- Antecipação ou levantamento de hipóteses sobre o que virá em seguida, utilizando-se os dados já apresentados;
- Organização de idéias-chave;

- Exploração de vocabulários e possíveis sentidos que estes apresentam em outros contextos;
- Leitura com orientação para grifos em trechos indispensáveis para uma boa compreensão e interpretação;
- Leitura e retirada de ideias significativas, ideias explícitas e implícitas do texto;
- Leitura e retirada de palavras-chave que contribuam com a compreensão global do texto;
- Leitura e correlação com outros textos que apresentem similaridade;
- Leitura de versões diferentes para uma mesma notícia, reportagem, conto e posterior construção de quadro comparativo;
- Leitura e correlação do assunto com outros textos lidos ou com informações conhecidas previamente pela turma;
- Organização de duplas de leitura;
- Pensar sobre o que o texto não explicita sobre o que está nas entrelinhas ou realizar inferências sobre o texto compartilhando com os alunos;
- Em matérias específicas como matemática, física e química conduzir inferindo pistas sobre o que é solicitado nas situações-problema. Assim, o aluno terá mais ferramentas para auxiliar na compreensão e direcionar sua ação ao que é solicitado.

Enfim, muitas são as estratégias a explorar durante a leitura em sala de aula por professores que atuam nas mais diversas faixas etárias.

Para o aluno com TDAH, ter um modelo para acompanhar ou mesmo para exercitar a escuta é de extrema importância para o desenvolvimento de habilidades necessárias a construção da fluência e compreensão de forma gradativa e constante.

PROMOVENDO AVANÇOS NA ESCRITA

Estudantes com TDAH não raramente apresentam dificuldades na escrita, tanto no que tange ao processo de escrever ou copiar propriamente dito, quanto na elaboração textual.

As dificuldades no traçado da escrita, referem-se principalmente ao aspecto motor, a motricidade fina (SEABRA e DIAS et. al.

2014), demonstrando uma falha significativa neste tipo de produção.

A retirada de textos do quadro, como cópias, tão comuns nas salas de aula e nas mais variadas faixas etárias podem revelar dificuldades ainda maiores. Isso se explica devido ao déficit visual motor, decorrente da dificuldade de coordenação viso-motora, tendo como consequência a baixa resposta motora (BENCZIK, 2010).

Cabe ao professor, independentemente da faixa etária que acompanha avaliar os obstáculos que o aluno encontra para elaborar ou mesmo copiar conteúdos do quadro.

Sendo assim, sugere-se algumas orientações para aperfeiçoar esse processo tornando-o menos aversivo para o aluno:

- Observar o grau de dificuldade para a escrita à mão. Sendo possível, substituir o papel por um computador, *tablete* ou fornecer um adaptador para o lápis;
- Permitir o uso da letra bastão é uma alternativa. Contudo, muitos alunos sendo obrigados a se apropriarem da letra cursiva, tendem a se opor ao retorno da letra bastão por se sentirem infantilizados frente aos seus pares;
- Possibilitar maior tempo para cópias quando necessário ou mesmo para terminar as tarefas, visto que a dificuldade pode ser também associada à elaboração escrita;
- Promover colegas como escribas - pessoa responsável por escrever um texto ditado ou realizar cópia - para o aluno com TDAH, quando se perceber que a velocidade da escrita prejudica sua produção (velocidade do pensamento não acompanha a velocidade da escrita que normalmente é mais lenta, fazendo com que o aluno omita partes do texto na sua produção);
- Permitir maior tempo para execução de atividades e avaliações;
- Corrigir a postura, da pegada no lápis e da posição do papel são também interessantes;
- Sugerir que os alunos registrem pequenas notas, palavras-chave ou desenhos durante as explicações que favoreçam a posterior retomada;

- Construir com o aluno ou com a turma, modelos de roteiros que facilitem a elaboração de textos;
- Trabalhar com a técnica de *brainstorming* ou *tempestade de ideias*, permite o trabalho de pensar de forma desordenada o que vem à mente para em seguida selecionar e organizar o que é pertinente manter.
- Dificilmente professores de redação ensinam seus alunos a escreverem textos a partir da situação de construir um texto juntamente com a turma, compartilhando suas estratégias pessoais de escrita. Essa experiência certamente favorecerá a todos.

PROMOVENDO AVANÇOS NO RACIOCÍNIO LÓGICO

Geralmente, alunos com TDAH apresentam dificuldades na construção, apropriação ou em demonstrar construções quando consolidadas em função dos déficits atencionais ou da incapacidade inibitória para estímulos externos, capacidade de empregar e manter a atenção seletiva. Aliado a isso, tem-se o déficit na memória operacional; responsável pela permanência ou resgate de informações durante a execução de uma atividade.

Isto se deve ao fato da realização de tarefas exigir uma distribuição cuidadosa dos recursos de processamento mental, memória, emprego de estratégias ordenadas e hierarquizadas, que implicam um ajuste progressivo de certos procedimentos em outros, como, por exemplo, no procedimento de somar, contar e recodificar na memória de trabalho (BENCZIK, 2010:44).

Para que o professor contribua com o processo de construção e consolidação de habilidades em matemática, faz-se necessário pensar sobre alguns procedimentos e atitudes:

- Em primeiro lugar o aluno precisa entender o enunciado, aquilo que é solicitado. É importante que o aluno seja encorajado a reformular o problema com suas palavras para que fique explícita a sua compreensão;
- Fornecer modelos de como estruturar e realizar cálculos (técnica de

- modelagem); demonstrar de forma explícita como resolver a atividade;
- Fornecer apoio nas atividades que exigem interpretação de situações-problema, dando ênfase para as “pistas” apresentadas que indicam o caminho da resolução;
 - Muitos problemas apresentados são variações de outros problemas vistos anteriormente. A maior parte das crianças e adolescentes consegue perceber essa “unidade” nas listas de exercícios. Para o aluno com TDAH, em função dos déficits na memória, essas correspondências não serão notadas. Para estes alunos, invariavelmente, problemas que apresentam similaridade na resolução aparecem como se estivessem sendo vistos pela primeira vez. Logo, cabe ao professor ressaltar essas semelhanças;
 - Promover anotações do passo-a-passo sobre como encontrar uma solução também é interessante e dará segurança ao aluno. Lembre-se que muitas vezes o problema do aluno não é com a apropriação do conteúdo, mas em se “perder” durante a execução;
 - O famoso “branco” que ocorre nas provas sugere a dificuldade na memorização das etapas de resolução. Fornecer pistas é um caminho para que o rendimento na avaliação seja favorável;
 - Principalmente nas avaliações procure subdividir os problemas que apresentam mais de um enunciado;
 - Evite avaliações longas e com tempo determinado. Isso vale para todas as matérias, mas em se tratando da matemática essa orientação ganha um lugar “especial”;
 - Usar materiais concretos e suportes visuais prenderá a atenção dos alunos por mais tempo;
 - Permitir o uso da calculadora ou de materiais concretos, já que a dificuldade do aluno se encontra em operacionalizar com os números. Conhecendo os procedimentos necessários à realização de expressões, por exemplo, o maior desafio reside em realizar os procedimentos ao mesmo tempo em que deve operar cálculos. Neste caso, manter e coordenar estes

procedimentos simultaneamente, contribuirá para que ocorram maiores erros devido a déficits atencionais e a uma memória operacional deficitária;

- Trabalhar as diferentes formas de se alcançar o resultado tornará o pensamento flexível e a aula mais dinâmica, principalmente se forem apresentados pelos alunos;

ORIENTAÇÕES PARA MELHOR DESEMPENHO DO ALUNO NAS ATIVIDADES DE CASA

A atividade de casa normalmente é marcada pela procrastinação e muitas vezes pelo esquecimento. Quando realizada, observa-se o clima de tensão e insatisfação para o aluno.

Nem sempre é possível dispor de um professor particular ou de serviços especializados tais como reforço escolar, psicopedagogo, psicólogo e etc. Contudo, é viável e aconselhável que ocorram orientações no espaço escolar sobre como estudar e como estruturar horários para minimizar os efeitos aversivos do momento em que o aluno terá que contar com um funcionamento executivo pouco eficiente.

Muitas vezes o problema inicia ainda na escola, quando o estudante deve copiar a agenda ou a atividade que será realizada. A partir do Ensino Fundamental II isso se agrava ainda mais, pois o “problema” não é sanado quando o professor ainda é uma única referência para o aluno nos anos que antecedem. Sendo assim, atentar-se para a cópia e sua completude faz-se extremamente necessário. Caso perceba-se desde o início uma grande dificuldade neste processo, pode-se recorrer às orientações listadas anteriormente.

Cabe pensar sobre como planejar estratégias para garantir que o aluno realize as atividades:

- Preocupe-se mais com a qualidade do que com a quantidade. Procure destacar para o aluno, ao perceber a regularidade de tarefas incompletas ou não realizadas quais são os exercícios indispensáveis;
- Organize com o aluno a sua rotina de estudos de forma que ele perceba que há horários disponíveis para outras atividades. Normalmente o aluno com TDAH passa muito tempo para iniciar e

para finalizar, pois perde o foco com outras atividades;

- Estimule para que os alunos estudem utilizando as estratégias que você, professor, possa ter usado para explicar assuntos anteriores. Se na aula passada você explicou um assunto usando Mapa Mental, solicite que para o estudo do novo assunto os alunos elaborem um Mapa Mental;
- Uma boa técnica de estudo é a elaboração de perguntas e respostas a partir do assunto. Estas poderão ser socializadas em sala;
- Incentive o uso de marcadores textuais;
- Organize formas de proceder com os estudos para se preparar para avaliações.
- Dê *feedbacks* positivos sobre suas conquistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da formação docente para o trabalho pedagógico com alunos de TDAH evidencia-se principalmente quando o estudante alcança níveis mais elevados de escolaridade e não têm anteriormente adaptações necessárias para que desenvolva repertórios significativos ao processo de construção dos conhecimentos.

Não existe receita ou solução para tratar os problemas de aprendizagem. Quando se fala em TDAH, encontramos uma diversidade extensa, pois o número de combinações entre os sintomas é diverso. Além disso, existem as particularidades inerentes a cada caso (FREITAS, 2011:146).

Todavia, a partir das propostas mencionadas, fica evidente que as principais mudanças decorrentes de ter um aluno com tal transtorno são em sua maioria, mudanças que acarretarão ganhos para toda a turma, desde quando se referem principalmente ao comportamento do professor no espaço da sala de aula.

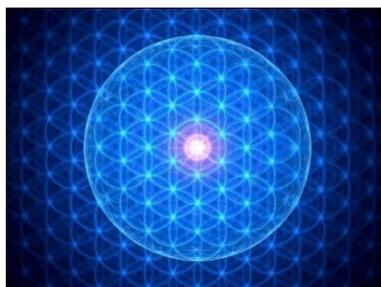
Tendo em vista os aspectos apresentados, fica evidente que quanto mais cedo o aluno vivenciar intervenções que propiciem uma melhora no quadro, melhor será o prognóstico e menor será o impacto à sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciana Mendonça; PINHEIRO, Ângela Maria Vieira Pinheiro; REIS, César; CAPELLINI, Simone Aparecida. Medidas objetivas de fluência de leitura e processo de compreensão in. BARBOSA, Thais; RODRIGUES, Camila Cruz; MELLO, Cláudia Berlim de; CAPELLINI, Simone Aparecida; MUOSINHO, Renata; ALVES, Luciana Mendonça. **Temas em Dislexia**. São Paulo, Artes Médicas. 2009.
- BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH):** Guia completo e autorizado para pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed. 2002.
- BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): atualização diagnóstica e terapêutica:** um guia de orientação para profissionais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- MOREIRA, Márcio Borges. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CASTRO, C. A. A; NASCIMENTO, L. **TDAH-Inclusão nas escolas**. Rio de Janeiro: Moderna, 2009.
- DUPAL, G. J.; STONER, G. **TDAH nas escolas**. São Paulo: M Books do Brasil Editora, 2007.
- FIGUEIRAL, Ana Silva. In. NETO, Louzã Mario Rodrigues at. al. **TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREITAS, Ivana Braga de. TDAH: Contribuições para o desenvolvimento acadêmico in. SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem:** entendendo melhor os alunos com Necessidades Educativas especiais. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.
- GOMES, Marcelo; PALMINI, André; Barbirato, Fábio at al. **Conhecimento sobre o transtorno do déficit de atenção/hiperatividade no Brasil**. J Bras Psiquiatr, 56(2): 101, 2007.
- GRAEFF, Rodrigo Linck; VAZ, Cícero E. **Avaliação e diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)**. Psicologia USP, São Paulo, Julho/Setembro, 2008, 19(3), 341-361.
- LEONARDI, Jan Luiz; RUBANO, Denize Rosana. **Fundamentos empíricos da Análise do Comportamento aplicada para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)**. Revista Perspectivas, 2012, vol. 03, n. 01, pp. 001-019.
- MOOJEN, Sônia Maria Pallaoro; BASSÔA, Ana; GONÇALVES, Hosana Alves. **Características da dislexia de desenvolvimento e a sua manifestação na idade adulta**. Rev. Psicopedagogia 2016; 33(100): 50-9.
- MOREIRA, Márcio Borges. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- NETO, Louzã Mario Rodrigues at. al. **TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ROCHA, Margarette Matesco; ANDRADE, Priscila; DOURADO, Thiago Leão Silveira. **Comportamen-**

- tos-alvos em programas de habilidades sociais educativas para pais.** Revista Educação Especial. Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 453-466, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>
- ROHDE, L. A. P.; BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artmed, 1999.
 - ROHDE, Luis Augusto et al. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.** Revista \brasileira de \psiquiatria. 2000;22 (supl II): 7-11.
 - ROTTA, T. N.; WEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
 - SALLES, Jerusa Fumagalli. Compreensão de leitura textual em crianças com dificuldades de leitura e escrita in. BARBOSA, Thais; RODRIGUES, Camila Cruz; MELLO, Cláudia Berlim de; CAPELLINI, Simone Aparecida; MUOSINHO, Renata; ALVES, Luciana Mendonça. **Temas em Dislexia.** São Paulo, Artes Médicas. 2009.
 - SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com Necessidades Educativas especiais.** Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.
 - SANTOS, Vanderlei Siqueira dos; BEHRENS, Marilda Aparecida et al. **Formação de professores numa visão complexa com o auxílio de metodologias e dispositivos em interfaces online.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 31, p. 521-540, set./dez. 2010. Disponível em www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&d1=4291
 - SEABRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins et. al. **Transtornos de aprendizagem in.** ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber.** Porto Alegre: Artmed, 2014.
 - VIANIN, Pierre. **Estratégias de ajuda a alunos com dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Penso, 2013.





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

9 – SÃO JOÃO E O RESGATE DO FEMININO SAGRADO

Vera Saldanha*

Desde muito cedo, em minha vida, as festas juninas sempre me encantaram. Sua preparação, com os adultos, jovens, crianças em grande movimentação e alegria; fechando a rua dos moradores, colocando bandeirinhas coloridas, balões, barraquinhas, criando um grande espaço festivo, repleto de cores e sabores. Cada santo com sua lenda popular.

Antônio casamenteiro, protetor dos namorados, faz achar o perdido, realiza milagres.

São João o festeiro, protetor de grávidas e casados, dos doentes, principalmente no que se refere à dor de cabeça e garganta.

Pedro o santo das chuvas, protetor das viúvas e dos pescadores, aquele que tem a chave da porta do céu.

Festas que habitam o inconsciente popular que mobilizam com suas lendas e canções típicas. Que geram um certo fascínio e encantamento nas crianças, as figuras típicas de Sto. Antônio com menino Jesus, S. João com um cordeirinho em seu colo e S. Pedro com duas chaves na mão, uma de bronze e outra de prata ou de cristal.

Afinal, por que tal mobilização acontece na consciência coletiva? Sabemos que os contos, lendas, festas tradicionais, são um canal que nos expressam aspectos de realidades maiores, assim como os mitos no plano coletivo que nos remetem ao princípio do ser. Trazem muitas vezes aspectos ignorados pelos indivíduos, que nos solicitam uma escuta a partir dos símbolos com os

quais se apresentam, com a história que nos contam.

Qual a grande história, a história Sagrada que está por trás destes santos. Qual seria a relação entre eles?

De imediato a presença do Cristo e a própria história de Jesus se destaca como um elo presente na história de vida destes seres especiais.

Não ao acaso, S. João nasce seis meses antes de Cristo, torna-se um precursor do Messias, batiza-o nas margens do Rio Jordão, tem seguidores que depois se tornam discípulos do Cristo, entre eles São Pedro, cujo nome verdadeiro, conta-se, era Simão ou Simeão. Segundo Clemente de Alexandria, ele era casado e tinha filhos. De acordo com a tradição, a mulher de Pedro sofreu o martírio. Vivia em Cafarnaum e tinha a profissão de pescador.

Como tantos de seus contemporâneos judeus, ele e seu irmão André foram atraídos pela pregação de João Batista.

Quando pela segunda vez André foi a João, este apresentou Cristo – *Eis o Cordeiro de Deus*. André conta a Pedro e o leva até Jesus que diz a ele – *Tu és Simão, filho de Jonas – tu serás chamado Cefas*, que foi interpretado como Pedro (Cefas – *Kephas*, em aramaico *Kipha* – Rocha), traduzido *Petros* do Latim *Petrus*.

Vinde a mim e vos farei pescadores de homens. Em outra passagem Pedro diz a Cristo: *Tu tens a palavra da vida eterna e nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus. Tu és Cristo – filho de Deus vivo*.

*Vera Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso Brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. <http://alubrat.org.br/wpalubrat/>

Então Cristo diz: *Bendito és tu Simão Bar-Jona porque nem a carne nem o sangue te revelaram isso, mas meu pai que está no céu, e te digo: – que tu és Pedro (Petros) e sobre esta pedra (Petra) edificarei minha igreja (ekklesian) e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E te darei as chaves do reino dos céus. E tudo que ligares na Terra será ligado no céu, e tudo que desligares na Terra será desligado no céu.*

Santo Antônio, frei agostiniano, após encontro com Francisco de Assis, torna-se Franciscano. Tem o menino Jesus em seu colo, e conta-se do barão que abrigava Antônio em um quarto de hóspede, que o viu pelo buraco da fechadura, envolvido por uma luz de brilho muito forte e em seu colo, sobre um livro grosso, um bebê que seria o menino Jesus, que sorrindo lhe estende os braços. Fecha os olhos atordoado e ao abrir, só vê Sto. Antônio de braços vazios. Além disso, no convento dos Clarissas em Arcella, onde Sto. Antônio morreu em 13/06/1231, próximo à sua morte aparece-lhe o menino Jesus na cela de Camposampiero. A imagem na qual Sto. Antônio é retratado sempre nos mostra o menino Jesus sobre o livro nos revelando que sobre seus saberes repousa e ilumina o divino, o espontâneo e intuitivo. É a razão iluminada pelo amor crístico.

Este elo, a presença do Cristo na história destes seres, nos recorda de algo ainda maior: Cristo é o grande arquétipo da síntese do feminino e masculino. Andava acompanhado não só de homens, mas de mulheres e, após sua morte, é para uma mulher que primeiro aparece.

Há algo forte na história destes três seres em relação às mulheres, além de Antônio proteger os namorados, João, as grávidas e os casados e Pedro as viúvas. Neste momento é importante recordar que nas últimas décadas alguns estudos, pesquisas e investigações arqueológicas vieram nos revelar que em torno de cinco mil anos antes da era cristã havia sociedades de relações de igualdade, valorização e respeito entre homens e mulheres. Entretanto alguns povos bárbaros, arianos e semitas com o degelo dos polos foram descendo as estepes russas, entraram pela Eurásia, Europa e foram matando os homens que não eram treinados para a guerra, banindo todos os vestígios da cultura das Deusas. Aprisionavam as mulheres e crianças fazendo-as crescer acreditando que Deus

era um ser do sexo masculino – e, portanto, os homens eram superiores e as mulheres eram inferiores, – criando uma grande divisão entre homens e mulheres, além do equívoco entre gênero e arquétipos na psique, dando origem a inflação do masculino e ao patriarcado, influenciando até os nossos dias a política, as religiões, a economia, a educação e as relações na sociedade.

Feminino “é um adjetivo que tem suas origens no termo em latim “feminino” que significa algo que é de mulheres ou menina, e tem características como gentileza, delicadeza, beleza, cuidado, sensualidade e intuição.”

Porém, algumas tradições antigas, como o Taoísmo, trazem indicações referindo-se a uma polaridade masculino-feminino presente em distintos aspectos na natureza tais como sol-lua, dia-noite, entre outros. Os estudos sobre a psique humana revelam que o feminino, enquanto substantivo, indica um padrão universal inato na psique humana, presente em homens e mulheres e que foi denominada por Jung de arquétipo do feminino e arquétipo do masculino, presente tanto em homens como em mulheres, denominado de *Anima* ao arquétipo feminino presente no homem, de *Animus* ao arquétipo masculino presente na mulher.

Ignorar estes aspectos resultaram em danos à nossa humanidade, com a repressão do feminino em homens e a inflação egoica do arquétipo masculino, com os aspectos de divisão, competição, guerra e perversão. Assim como a repressão do masculino na mulher e a desvalorização do feminino enquanto arquétipo e gênero, em seus aspectos intuitivos, sensibilidade no cuidar do corpo e da terra.

O movimento feminista apenas promoveu a liberação da repressão do masculino na mulher. O que foi um passo, pois há poucas décadas atrás a mulher não podia votar, era sem direito ao domínio público, e restrita ao âmbito privado.

Entretanto, a real dimensão do feminino, a sensibilidade, sexualidade saudável, bondade, intuição, comunhão continuam ainda em mulheres e homens, ainda que faminta, desnutrida, proliferando as chagas do feminino ferido, tais como a traição, volúpia, sedução, manipulação, vingança, maledicência, mentira, intriga.

Assim, ao trazermos este olhar do feminino, enquanto arquétipo e gênero para a história de vida de Antônio, João e Pedro, podemos sugerir que há um convite ao resgate da mulher a um lugar justo em nossa sociedade.

A mulher de Pedro sofreu o martírio; há que se poder exercer a fé livremente em nossa sociedade.

Sto. Antônio, conhecido por seus inúmeros prodígios, bilocação, ressurreição de mortos, inúmeras curas e muitos milagres a favor das mulheres, como quando fez um recém-nascido falar para defender a mãe acusada injustamente de infidelidade pelo marido, por exemplo.

Outro episódio no qual certa senhora cansada de sua miséria queria que sua filha se prostituísse. Não aceitando, ora a Sto. Antônio, que deixa cair de sua imagem um bilhete endereçado a um rico comerciante para que ele desse o equivalente ao peso deste papel do bilhete em moedas de prata. Assinado, Antônio. O comerciante achou graça, mas qual não foi sua surpresa, pois só equilibrou a balança quando as moedas somaram 400 escudos, dote necessário ao casamento, livrando-a da prostituição. É preciso dar dignidade à mulher. Respeitá-la.

Lembrando também o milagre no qual Sto. Antônio livra seu pai da condenação à forca, por meio de sua defesa, em bilocação. Tal milagre sugere que tanto no plano real como no simbólico, Antônio tinha uma integração grande entre o conhecimento, o coração e a intuição. Ele impede a separação da cabeça e do coração em seu pai.

E neste sentido de resgate em homens e mulheres, do feminino e masculino saudáveis, que, sem dúvida, S. João nos traz um grande alerta!

João foi um filho muito desejado por seus pais que viviam no alto das montanhas da Judéia, próximo a Jerusalém, não abençoados por não terem filhos. Isabel era considerada estéril e já estava em idade avançada, quando aparece para seu marido Zacarias, o anjo Gabriel e lhe diz: *Não temas, Zacarias, porque Deus ouviu tua oração: tua mulher dar-te-á um filho a quem darás o nome de João.*

Como não acreditou e contestou o anjo, Zacarias fica mudo sem conseguir mais pronunciar uma única palavra. Quando retorna a sua casa após alguns dias, constata a gravidez de sua esposa. Maria,

mãe de Jesus, era prima de Isabel. O anjo Gabriel, também anunciou a Maria ser a predestinada do filho de Deus, e teve o grande sim de Maria. O anjo fala à Maria da gravidez da sua prima Isabel, e esta vai ao encontro dela.

Ainda no ventre de Isabel, a criança reconheceu Jesus e estremeceu, então Isabel fica plena do Espírito Santo proclamando à Maria: *Como é possível que a mãe do meu Senhor venha até mim? Porque, vê bem, o menino sobressaltou-se dentro de mim e abençoou-te.*

Maria fica durante algum tempo na casa de sua prima, auxiliando-a. Quando ela vai embora, Isabel promete-lhe anunciar o nascimento de seu filho erguendo um mastro e acendendo uma fogueira.

Assim o faz no dia 24 de junho do ano 2 A.C.. O dia do nascimento de João é também chamado de Aurora da Salvação. O fogo é símbolo da autopurificação, mas também da iluminação. O fogo está associado ao espírito do masculino divino. No dia da circuncisão do bebê, ao sugerirem outro nome, seu pai escreve em uma tábua “João” e volta a falar.

Adulto, João vai morar no deserto, onde alimenta-se de gafanhotos e mel silvestre. Aos 30 anos torna-se um pregador e fica conhecido como o profeta, homem enviado por Deus. Aquele que anunciava a vinda do messias. É seguido por muitos, entre eles o próprio Pedro e seu irmão André, que se tornaram discípulos do Cristo. Batizava no rio Jordão, daí ser chamado João Batista, propondo arrependimento, jejum e orações. A imersão na água simbolizava uma grande mudança de vida interior e está associada ao feminino sagrado. Dizia sempre: *Eu não sou Cristo, completando, eu batizo na água para a penitência, mas vem outro que é mais poderoso do que eu, de quem eu não sou digno de desatar as correias das sandálias, ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo.*

Quando Jesus foi ser batizado por João ele disse: *Eu é que deveria ser batizado por ti*, mas Jesus se coloca diante de João para ser batizado e, então, o Espírito Santo desceu sob forma de uma pomba e o céu se abriu e ouviu-se uma voz: *Este é meu filho muito amado, em quem pus minha complacência.* Assim, Jesus começou sua vida pública. Do próprio João Jesus dizia: *entre os nascidos de mulher não há maior profeta que João.*

Através da história de sua vida, desde a sua concepção, nos revela o poder da mulher sábia, da anciã, da mãe, da virgem e do Espírito Santo. Mas é também João que denuncia as injustiças, o abuso de poder e a Herodes Antipas por sua ligação ilícita com Herodíades, esposa de seu irmão (Marcos capítulo VI, versículo 17 a 28). É nesta passagem então que as chagas do feminino se mostram intensamente em seu poder que divide, manipula, seduz e se vinga, por meio de Salomé, a filha jovem e sedutora de Herodíades, a qual dança para Herodes e este fica extasiado, dizendo à jovem que lhe daria tudo que ela pedisse.

Nesse sentido a passagem bíblica também é reveladora e nos faz refletir: Qual o legado que queremos deixar para os nossos descendentes? Salomé vai perguntar à sua mãe o que deveria pedir e esta não hesita em dizer: *a cabeça de João Batista em uma bandeja de prata*; a ser exibida naquele banquete de exaltação do poder egoico do masculino e ao poder devastador das chagas do feminino.

Coube à mãe, a mulher, decidir qual pedido deveria ser realizado, cabe às mulheres decidirem quais as ideias que querem ver realizadas. As mulheres precisam tornar-se conscientes do seu imenso poder. O princípio feminino possui as chaves da realização na matéria e esta realização pode ser para o bem ou para o mau. Da mesma forma que as mulheres podem gerar filhos, em planos mais sutis, podem servir para encarnar ideias, projetos, dar-lhes corpo.

Venerado como santo, mártir e profeta, João fecha o Antigo Testamento e abre o Novo Testamento. Poderíamos chamá-lo do Santo da Era da Transição Planetária, na qual nos encontramos no planeta Terra. Foi uma voz a clamar no deserto, a anunciar o Messias. Talvez nestes dois mil anos tenhamos atravessado o deserto interior de nossa alma, separando a cabeça do coração e do corpo, como homens e mulheres. Uma alma sem corpo, um corpo máquina sem coração. A condição de mulher socialmente colocada como inferior ou de forma demoníaca em certas religiões, só contribuíram para a exacerbação das chagas do arquétipo do feminino nas mulheres e

também em homens. Muito se diz que é a mulher que dará à luz a um novo tipo de homem, mais espiritualizado, mais harmonizado. Para conceber o Cristo, Maria preparou-se milhões de anos nas esferas superiores, mas teve o apoio, a confiança e proteção de José. Isabel, ao conceber, teve o silêncio de Zacarias, constatando o milagre e voltando a falar quando pronunciou o nome dado pelo anjo Gabriel. O pai de Maria – mãe de Jesus –, Joaquim, jejuou 40 dias no deserto, pedindo a graça de um filho, pois Ana, sua esposa, era estéril. Foram homens que integraram a dimensão do arquétipo feminino e masculino em sua missão de vida.

Talvez agora já seja tempo de acordar “João” dentro de cada um de nós. Deixar que o feminino sagrado com maestria na arte do cuidar, do curar, una nosso corpo. Resgate-nos a inteireza de nosso ser, não a divisão. Permita que o feminino divino nos cure. Una em nós a cabeça ao corpo, um corpo com coração, o feminino ao masculino, que poderá sim anunciar o nascimento do Cristo interno, o poder de comunhão, o poder do Amor.

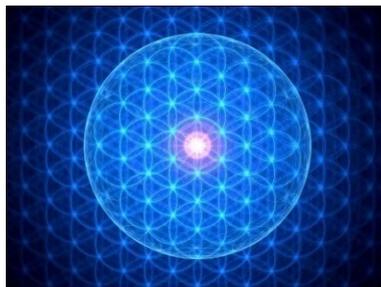
A matéria é a expressão, a forma na qual se percebe o pulso eternamente criativo da vida, do propósito, da consciência desperta. É dar visibilidade, vida, plenitude à alma e ao espírito. Isto é o que São João nos convida.

Acordai, Acordai João em cada um de nós.

Acende o fogo sagrado, a centelha divina no nosso coração!

REFERÊNCIAS

- AIVANHOV, Omraam Mikhael. **A Vida do Silêncio**. França: Ed. Prosveta, 2008.
- AIVANHOV, Omraam Mikhael. **A Vinda da Cidade Celeste**. França: Ed. Prosveta.
- LELOUP, Jean Yves. CREMA, Roberto. **Dimensões do Cuidar**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.
- **O Novo Testamento** (Bíblia).
- SOUZENELLE, Annick de. **O Feminino do Ser para acabar de vez com a costela de Adão**. Lisboa: Ed. Albin Michel, 1997.
- TOLLE, Eckhart. **A Voz da Serenidade**. USA: Ed. Pergaminho, 2003.
- ZWEIG, Connie. **MULHER Em Busca da Feminilidade Perdida**. Brasil: Ed. Gente, 1994.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

10 – SE (IF)

Rudyard Kipling*

Tradução de Guilherme de Almeida

Se és capaz de manter a tua calma quando
 Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;
 De crer em ti quando estão todos duvidando,
 E para esses no entanto achar uma desculpa;
 Se és capaz de esperar sem te desesperares,
 Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
 Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
 E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar – sem que a isso só te
 atires,
 De sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores.
 Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
 Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
 Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
 Em armadilhas as verdades que disseste,
 E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
 E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
 Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
 E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
 Resignado, tornar ao ponto de partida;
 De forçar coração, nervos, músculos, tudo
 A dar seja o que for que neles ainda existe,
 E a persistir assim quando, exaustos, contudo
 Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
 E, entre reis, não perder a naturalidade,
 E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
 Se a todos podes ser de alguma utilidade,
 E se és capaz de dar, segundo por segundo,
 Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
 Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
 E o que mais – tu serás um homem, ó meu filho!

If you can keep your head when all about you
 Are losing theirs and blaming it on you,
 If you can trust yourself when all men doubt you
 But make allowance for their doubting too,
 If you can wait and not be tired by waiting,
 Or being lied about, don't deal in lies,
 Or being hated, don't give way to hating,
 And yet don't look too good, nor talk too wise;

If you can dream – and not make dreams your
 master,
 If you can think – and not make thoughts your aim;
 If you can meet with Triumph and Disaster
 And treat those two impostors just the same;
 If you can bear to hear the truth you've spoken
 Twisted by knaves to make a trap for fools,
 Or watch the things you gave your life to, broken,
 And stoop and build 'em up with worn-out tools;

If you can make one heap of all your winnings
 And risk it all on one turn of pitch-and-toss,
 And lose, and start again at your beginnings
 And never breath a word about your loss;
 If you can force your heart and nerve and sinew
 To serve your turn long after they are gone,
 And so hold on when there is nothing in you
 Except the Will which says to them: "Hold on!"

If you can talk with crowds and keep your virtue,
 Or walk with kings – nor lose the common touch,
 If neither foes nor loving friends can hurt you;
 If all men count with you, but none too much,
 If you can fill the unforgiving minute
 With sixty seconds' worth of distance run,
 Yours is the Earth and everything that's in it,
 And – which is more – you'll be a Man, my son!

(Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u92310.shtml>. Publicado em 05/05/2007, acessado em 06.06.16).

* **Joseph Rudyard Kipling** – (Bombaim, 30 de dezembro de 1865 — Londres, 18 de janeiro de 1936). Nascido na Índia, aos cinco anos mudou-se para a Inglaterra. Foi um autor e poeta britânico, considerado um dos escritores mais populares da Inglaterra, laureado com o Nobel de Literatura de 1907.